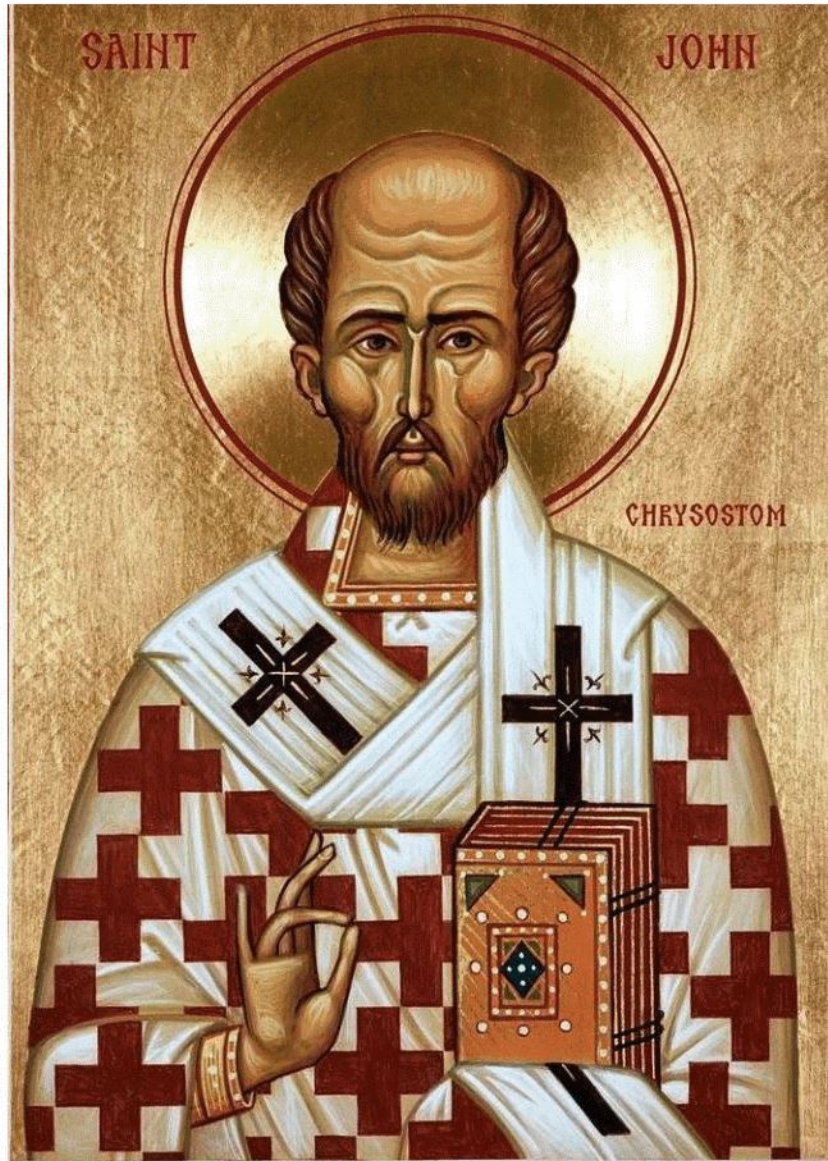


SÃO JOÃO CRISÓSTOMO



DA INCOMPREENSIBILIDADE
DE DEUS

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

pinterest

Texto extraído do Vol. 23, «SÃO JOÃO CRISÓSTOMO»,
da colecção "Patrística", editada por "PAULOS"

DA INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS

PRIMEIRA HOMILIA

Como é isto? O pastor ausente e as ovelhas em perfeita ordem! Grande feito do pastor: o rebanho, não apenas em sua presença, mas até durante a ausência, demonstra ardente zelo! Efetivamente os animais irracionais, quando se ausenta o pastor que os conduz às pastagens, devem necessariamente ficar dentro do cercado, ou, se vão sozinhos para fora do redil, põem-se a vaguear por lugares remotos. Aqui, porém, nada disso. Apesar da ausência do pastor, chegastes às costumeiras pastagens, em perfeita ordem.

Ou melhor, acha-se presente o pastor, não física, mas espiritualmente; não corporalmente, e sim devido à boa ordem do rebanho. Por isso, mais ainda o admiro e proclamo feliz, pois conseguiu transmitir-vos tamanho desvelo. Na verdade, um general deixa-nos mais extasiados quando, apesar de sua ausência, as tropas continuam disciplinadas. Era o que Paulo tinha em vista ao exortar os discípulos: “Portanto, meus amados, como sempre tendes obedecido, não em minha presença, mas também particularmente agora em minha ausência...”.¹ Por que profere essas palavras: “particularmente agora em minha ausência”? Porque, na presença do pastor, se o lobo ataca o rebanho, facilmente é repellido para longe das ovelhas, enquanto, na ausência, elas se encontram necessariamente em maior perigo, porque desprotegidas. Além disso, se ele ali está, partilha com elas o mérito da diligência, ao passo que, se estiver ausente, põe a descoberto o denodo que elas possuem. Essas palavras vos dirige o mestre distante; onde quer que agora se encontre, está a imaginar vossa assembléia, e não tanto olha os que tem diante de si quanto divisa a vós, apesar de afastados.

Conheço bem a caridade ardente, inflamada e calorosa, irreprimível, que ele tem arraigada no íntimo da alma e mantém tão esmerada. Na verdade, ele sabe exatamente que se trata do principal de todos os bens, deles todos raiz, fonte, matriz e que, onde falta a caridade, as outras virtudes de nada nos servem, porque ela constitui a marca dos discípulos do Senhor, a característica dos servos de Deus, o distintivo dos apóstolos. Com efeito, está escrito: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos”.² Em quê? Dize-me. Em ressuscitar os mortos, purificar os leprosos ou expulsar os demônios? Não, assegura ele; omite tudo isto e declara: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”. De fato, as outras faculdades são dons da graça do alto exclusivamente, enquanto a caridade é também efeito da diligência humana. Ora, a nobreza da alma geralmente se caracteriza menos pelos dons recebidos do alto do que pelos êxitos obtidos por nossos próprios esforços. Por esta razão, conforme Cristo disse, não se revelam seus discípulos por intermédio de milagres, e sim pela caridade. Onde, pois, existe a caridade, a seu possuidor não falta parte alguma da sabedoria; ao contrário, está de posse da virtude inteira, completa e perfeita, enquanto o que dela carece acha-se privado de todos os bens. Por isso, Paulo a celebra e exalta em palavras; entretanto estes elogios ficam ainda aquém do que ela merece.

O que, pois, iguala-se à caridade, resumo das profecias, da lei, sem a qual nem a fé, nem a ciência, nem o conhecimento dos mistérios, nem o próprio martírio etc. poderá salvar seu detentor? Pois, diz

ele: “Ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”.³ E mais adiante, querendo demonstrar ser ela a maior e a mais elevada das virtudes, afirma: “Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá... Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade”.⁴

Essas palavras referentes à caridade nos sugerem um problema bem importante. Não oferece dificuldade asseverar que desaparece o dom da profecia e cessa o dom das línguas, porque foi por certo tempo que essas graças nos foram dispensadas e podem acabar sem prejuízo para a palavra; de fato, o dom da profecia e o das línguas atualmente já não existem, mas nem por isso criou-se obstáculo ao anúncio sagrado. Se passar a ciência, contudo, surgirá um problema. Efetivamente, depois de ter dito: “Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão”, acrescenta: “Quanto à ciência, também desaparecerá”. Se desaparecer a ciência, nossa condição, em vez de melhorar, há de piorar, porque sem ela perderemos o que é peculiar ao homem.

Pois, está escrito: “Teme a Deus e guarda os mandamentos, porque nisto está o homem todo”.⁵ Se, portanto, é peculiar ao homem temer a Deus, temor esse proveniente da ciência, e se a ciência deve passar, conforme assegura Paulo, quando não existir mais a ciência, estaremos completamente perdidos; tudo o que nos é peculiar desaparecerá e não estaremos em situação superior, porém até muito inferior à dos animais. De fato, nossa superioridade sobre eles consiste nisso, uma vez que, em relação às outras vantagens todas, ao menos quanto às dependentes do corpo, eles nos superam em grau muito maior. O que quer dizer, então, Paulo, e de que fala, ao assegurar que “a ciência também passará”?

Ele o diz, não no tocante ao conhecimento total, mas à ciência parcial, denominando desaparecimento a passagem a um estado melhor, porque a ciência parcial desaparecerá para deixar de ser parcial e tornar-se perfeita. Igualmente, a infância desaparece, não para a destruição do ser; pelo contrário, é por causa do crescimento nesta idade e pela passagem ao estado adulto. O mesmo sucede à ciência, porque esta ciência pequena, diz ele, já não será pequena quando tiver crescido. Tal o sentido da palavra “desaparecerá”, que ele próprio nos explica mais claramente no prosseguimento da explanação. De fato, a fim de que se compreenda que a palavra há de ser entendida, não no sentido de aniquilamento, mas de aumento e progresso, após ter dito: “desaparecerá”, acrescentou: “Pois nosso conhecimento é limitado, e limitada nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá”, de sorte que não seja mais inacabado, e sim perfeito. Deste modo, será a falta de acabamento da ciência que desaparecerá, para não ser mais imperfeita, e sim perfeita. Esse “desaparecimento” é, portanto, acesso a um estado melhor e à plenitude.

Considera, por favor, a sabedoria de Paulo. Pois, ele não diz: “Conhecemos uma parte das coisas”, e sim: “O nosso conhecimento é limitado”, ou seja, apreendemos a parte de uma parte. Talvez queirais ouvir qual a importância da parte que apreendemos e a da que nos escapa, e se é a maior ou a menor que apreendemos? A fim de ficares ciente de que apenas apreendes a menor, e não apenas a menor, mas a centésima ou milésima parte, escuta como prossegue. Ou melhor, antes de vos ler as palavras do Apóstolo, apresentarei uma comparação que vos faça perceber – quanto for possível por meio de uma

comparação – a respectiva importância da parte que nos escapa e da que apreendemos no momento. Qual é, portanto, a distância entre a ciência que nos será dada mais tarde e a que possuímos agora? Será tão grande quanto a que medeia entre um adulto e uma criança de peito. Tal é, de fato, a superioridade da ciência futura sobre a de hoje. É ainda o próprio Paulo que vai nos dizer que é realmente assim e tal é, na verdade, a supereminência da primeira. Após ter escrito: “Pois nosso conhecimento é limitado”, no intuito de mostrar a medida desta limitação e como é ínfimo o que conhecemos desde agora, acrescentou: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança”.⁶ Compara, portanto, o conhecimento presente com o estado de uma criança e o conhecimento futuro com o de um adulto. E não diz: “quando era menino” (porque ainda se denomina assim aos de doze anos); diz: “quando era criança”, referindo-se a um recém-nascido que mama, um lactente. Para se verificar que é exatamente o sentido que a Escritura dá à expressão criança, ouve o salmo: “Senhor, Senhor nosso, quão admirável é teu nome em toda a terra! Tua magnificência foi exaltada acima dos céus. Pela boca das crianças e lactentes dispuseste teu louvor”.⁷ Vês que sempre ela denomina criança o lactente.

Em seguida o Apóstolo, prevendo em espírito a impudência dos homens do futuro, não se deteve numa comparação apenas; deu-nos certeza por segunda e terceira comparação. Igualmente Moisés, enviado para junto do povo de Israel, recebeu a faculdade de demonstrar por meio de três sinais, de tal sorte que, se não acreditassem no primeiro, ouvissem ressoar o segundo e se menosprezassem ainda este, em atenção ao terceiro, acolhessem o profeta.⁸ Paulo também utiliza três comparações: primeiro, a da criança, ao declarar: “quando eu era criança, raciocinava como criança”; segundo, a do espelho, terceiro, a do enigma. Na verdade, tendo dito: “quando eu era criança”, acrescentou: “Agora vemos em espelho, em enigma”.⁹ Eis que a segunda comparação aponta para nossa atual fraqueza e nosso imperfeito conhecimento. A terceira consiste nas palavras “em enigma”. De fato, inúmeras coisas vê, entende e profere a criança, mas nada de nítido vê, entende ou profere; pensa também, mas não analisa. Eu mesmo conheço muitas coisas cuja explicação ignoro. Por exemplo, sei que Deus está em toda parte e todo inteiro em toda parte; como está? Ignoro. Ele não tem começo nem fim, eu o sei; mas de que modo? Não sei. Realmente a razão não alcança ser possível a uma essência existir sem receber o ser de si mesma ou de outro princípio. Sei que ele gerou um Filho, porém como? Ignoro. Sei que o Espírito procede dele, todavia como procede? Não sei. Eu absorvo os alimentos, mas de que maneira se diferenciam para se transformarem em humor, sangue, linfa, bÍlis? Não sei. Dessa forma, ignoramos até mesmo o que vemos e comemos todos os dias, e tentamos conhecer a essência de Deus!

Onde estão, portanto, os pretensos detentores de um conhecimento total, que, no entanto, mergulharam no fundo do abismo da ignorância? Ora, os que afirmam possuí-lo totalmente, agora, excluem-se do conhecimento completo no futuro. Com efeito, se confesso conhecer apenas parcialmente, mesmo admitindo que este conhecimento desaparecerá, estou caminhando para uma condição melhor e mais perfeita, visto que o conhecimento parcial desaparecerá apenas para se tornar mais completo. Pretender, contudo, possuir alguém conhecimento completo, inteiro e perfeito e, apesar disso, confessar que este desaparecerá no futuro, seria comprovar que será privado de qualquer

conhecimento, visto ter desaparecido o que possuía e não haver outro, mais perfeito, a adquirir, porque o primeiro era, em sua opinião, o conhecimento perfeito. Vede: quem fizer a tentativa de mostrar que já possui tudo aqui na terra não terá o que é deste mundo e ao mesmo tempo perderá tudo no outro? Tal a grave malícia de não nos contermos nos devidos limites por Deus assinalados desde o começo. Foi assim que Adão, ambicionando dignidade mais elevada, perdeu até a que lhe competia. O mesmo sucede aos que amam o dinheiro: freqüentemente ocorre a muitos anelar por bens maiores e perder até os que já têm. De igual modo, aqueles, ao imaginarem ter aqui na terra todos os bens, privam-se até dos parciais.

Por conseguinte, exorto-vos a evitar sua insensatez, porque é o cúmulo da loucura tentar conhecer a essência de Deus. No intuito de compreenderdes que é o cúmulo da loucura, manifestá-lo-ei por meio do testemunho dos profetas. Pois não somente os profetas evidenciam ignorar o que ele é em sua essência, mas nem sabem descrever a extensão de sua sabedoria. Ora, não é a essência que se origina da sabedoria, e sim a sabedoria que é oriunda da essência. Quando, portanto, os profetas não podem abranger exatamente a sabedoria, qual não será a loucura dos que julgam possível submeter a própria essência a seus raciocínios? Escutemos, pois, o que assevera o profeta a respeito: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso”.¹⁰ Vejamos, contudo, mais adiante sua palavra: “Eu te celebro, porque és admirado com temor”.¹¹ O que significam as palavras: “com temor”? Muitas são as coisas que apenas admiramos, contudo não o fazemos com temor; por exemplo, a beleza das colunas, ou as obras-primas da pintura, ou o vigor corporal. Ficamos extasiados também com a imensidão ou o abismo ilimitado do mar; com temor, porém, se nos inclinamos sobre esse abismo. Igualmente o profeta, tendo-se inclinado sobre o oceano infundo e abissal da sabedoria de Deus, sente vertigens e, tomado de admiração e grande temor, recua, exclamando: “Eu te celebro porque és admirado com temor; admiráveis são tuas obras”. E ainda: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso; é alto demais: não posso atingi-lo”.¹²

Vede os bons sentimentos do servo: “Eu te dou graças”, declara, “porque tenho um Senhor incompreensível”. E não se refere aqui a sua essência. Omite, como fato conhecido, que seja incompreensível. Quanto à onipresença de Deus, ele a afirma, visando mostrar que desconhece até de que modo Deus está presente em toda parte. Para convencer-te ser exatamente sobre isso que ele fala, escuta como prossegue: “Se subo aos céus, tu lá estás; se desço ao Xeol, aí te encontro”.¹³ Sabes de que maneira Deus está presente em todo lugar? O profeta não o sabe, mas sente vertigens, hesita, perturba-se até mesmo quando procura apenas raciocinar. Não seria, portanto, o cúmulo da insensatez pretenderem alguns, tão inferiores em graça, perscrutar a própria essência de Deus? E, contudo, é o mesmo profeta que diz: “Os mistérios e os segredos de tua sabedoria tu me ensinas”.¹⁴ Apesar deste conhecimento dos mistérios e dos segredos de sua sabedoria, ele a proclama em si mesma inacessível e incompreensível. De fato, diz ele: “O Senhor é grande e onipotente, e sua inteligência é incalculável”,¹⁵ a saber, incompreensível. Que dizes? A sabedoria é incompreensível para o profeta, e a nós, a essência nos seria compreensível? Não seria evidente loucura? Sua grandeza é ilimitada e queres circunscrever sua essência?

Quando se pôs a refletir sobre a questão, Isaías disse: “Quem relatará sua geração?”.¹⁶ Não diz: “Quem a relata?”, e sim: “Quem a relatará?”, e assim exclui futuras possibilidades. Davi, porém, declara: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso”.¹⁷ Não é, contudo, só para si: para toda a natureza humana é que Isaías não admite a possibilidade deste relato. Vejamos se Paulo não a conheceria, pelo fato de usufruir de graça mais abundante. Entretanto, foi ele próprio quem disse: “O nosso conhecimento é limitado e limitada nossa profecia”.¹⁸ E ele não o diz exclusivamente neste lugar, mas em outra parte, também ali referindo-se não à essência, mas à sabedoria revelada na providência. Não examina a providência geral acerca dos Anjos, Arcanjos, Virtudes do alto, mas a parte da providência que cuida dos homens na terra, e esta ainda particularmente. Pois ele não a examina em seu conjunto, enquanto faz brilhar o sol, infunde as almas, plasma os corpos, nutre os homens sobre a terra, mantém o cosmos, fornece os gêneros alimentícios de cada estação do ano; omite, porém, tudo isso e examina somente pequena parte da providência divina, enquanto rejeita os judeus e acolhe os pagãos, e ao concentrar-se nessa minúscula porção, tomado de vertigens como se visse um mar infundo, ou dando um salto para trás diante de um abismo imenso, emite forte grito, exclamando: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos!”.¹⁹ Não diz: “incompreensíveis”, e sim: “insondáveis”. Se é impossível sondá-los, sobremaneira impossível é compreendê-los. “Ininvestigáveis seus caminhos”.²⁰ Impossível investigar seus caminhos; seriam, então, compreensíveis? Responde-me. E por que digo: “seus caminhos”? As recompensas a nós reservadas são também incompreensíveis. Efetivamente, “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”.²¹ Aliás, seu dom é inexprimível: “Graças sejam tributadas a Deus por seu dom inefável”.²² e: “A paz de Deus excede toda compreensão”.²³

O que dizes? De Deus os juízos são insondáveis, ininvestigáveis os caminhos, a paz excede toda compreensão, os dons são inefáveis, não foi percebido pelo coração do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam, tem grandeza ilimitada, inteligência sem medida. Assim, sendo nele tudo incompreensível, seria apenas ele mesmo compreensível? Não seria o cúmulo da demência? Segura o herege; não o deixes escapar! Dize-lhe: Como se exprime Paulo? “Nosso conhecimento é limitado”. Não o afirma, responde ele, a respeito da essência divina, mas acerca da economia. Perfeitamente. Se com efeito, se tratasse da economia, ser-nos-ia mais fácil alcançar a vitória, pois, se este governo é incompreensível, com maior razão Deus em si mesmo. Mas nessa passagem ele não trata da economia, e sim do próprio Deus; escuta, pois, como continua. Depois de ter dito: “Nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”, acrescentou: “Agora meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido”. Ora, por quem ele é conhecido? Por Deus ou pela economia? Evidentemente, por Deus; em conseqüência, é de Deus que seu conhecimento é limitado.

E não diz limitado porque conheça uma parte da essência divina e não outra – pois Deus é simples –, mas porque sabe que Deus existe, e ignora qual é sua essência; está ciente de que é sábio, e desconhece a extensão desta sabedoria; não ignora que é grande, e não conhece como é, nem a

natureza desta grandeza; conhece que está presente em todo lugar, e não sabe como isso pode ser; não desconhece que ele prevê, sustenta e governa tudo, até os ínfimos pormenores, e ignora o modo como ele o realiza. Eis por que assevera: “Nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”.

Entretanto, se te apraz, deixemos Paulo e os profetas e subamos aos céus; talvez lá encontremos alguns que conhecem a Deus em sua essência. Justamente se lá existem espíritos dotados de conhecimento, nada têm em comum conosco, pois grande é a distância que separa os anjos dos homens. No entanto, para te certificares sem dúvida alguma de que nem ali criatura alguma possui tal conhecimento, escutemos os anjos. Como? Eles discutem lá em cima sobre a essência divina, debatem entre si? De forma alguma. Então, o que fazem? Glorificam, adoram, entoam incessantemente os cânticos vitoriosos e místicos com profunda veneração. Uns exclamam: “Glória a Deus nas alturas”.²⁴ Os serafins, por sua vez: “Santo, santo, santo”,²⁵ e desviam os olhos, porque não podem sustentar a visão da condescendência de Deus. Os querubins, porém, cantam: “Bendita seja a glória do Senhor desde a sua morada!”.²⁶ Não significa que Deus esteja circunscrito num lugar. De forma alguma. Seria como dizermos em nosso linguajar humano: “onde quer que esteja”, ou melhor: “seja qual for seu modo de ser”, se é lícito assim referir-se a Deus – dispomos apenas de termos humanos. Observaste o temor que prevalece no alto e o desprezo que se encontra aqui em baixo? Aqueles rendem glória, estes procuram satisfazer a curiosidade; os primeiros aclamam, os segundos ocupam-se de questões supérfluas; aqueles desviam o olhar, estes se esforçam por fixar vergonhosamente os olhos na glória inefável. Quem não haveria de gemer, de deplorar tais aberrações, tão enormes loucuras?

Tenciono desenvolver esta questão mais longamente, mas, visto ser a primeira vez que desço à arena para tal combate, creio que será vantajoso contentar-vos com as reflexões que acabo de propor; não aconteça que, sobrevindo de forma excessiva e impetuosa, as subseqüentes apaguem a lembrança das primeiras. Aliás, se Deus quiser, trataremos do assunto em outra oportunidade com mais vagar. Há muito, angustiado, anelava por dirigir-vos tais palavras, mas retardava, diferia, porque observara que muitos dos inficionados por este erro vinham ouvir-me prazerosamente, e não queria espantar minha presa; impedia minha língua de atacar, até que, depois de tê-los completamente em meu poder, pudesse entrar por minha vez na ofensiva. Mas, uma vez que, pela graça de Deus, ouvi deles o desafio espontâneo e importuno de travar a luta, confiante me despojei para a liça e tomei as armas apropriadas para destruir todo raciocínio e todo orgulho que se eleva contra o conhecimento de Deus. Entretanto, não tomei as armas no intuito de prostrar meus adversários, e sim para erguê-los do chão. Tal é efetivamente a virtude dessas armas: ferir os obstinados, tratar cuidadosamente dos ouvintes bem dispostos. Em vez de causar ferimentos, curam as doenças.

Não nos irriteemos, portanto, contra eles; não interponhamos cólera entre nós. Dialoguemos com moderação. Nada mais forte que a moderação e a doçura. Por essa razão também Paulo recomendou que adotemos cuidadosamente tal atitude, nesses termos: “Ora, um servo de Deus não deve brigar; deve ser manso para com todos”.²⁷ Não disse: “para com os irmãos somente”, e sim: “para com todos”. E ainda: “Que vossa moderação se torne conhecida”. E não acrescentou: “dos irmãos”, e sim “de todos os homens”.²⁸ De que serve, está escrito, que ameis aqueles que vos amam? Se a amizade

deles te é prejudicial e te arrasta a participar da impiedade, até mesmo se forem os próprios pais, foge deles! Se teu olho te prejudica, arranca-o! Com efeito, foi dito: “Se teu olho direito te escandalizar, arranca-o!”.²⁹ Evidentemente, aqui não se trata do corpo. E então? Ora, se fosse atinente à natureza corporal, a censura atingiria o Criador dessa natureza; aliás, não é somente um dos olhos que é forçoso arrancar; o esquerdo que restasse nos escandalizaria de idêntica forma. A fim de saberes que não se trata dos olhos, designou o direito para mostrar que se talvez te escandalizar um amigo, apesar de tão caro quanto o olho direito, deves repeli-lo e afastar tal amizade. Efetivamente, de que serve ter um olho se ele causa a ruína do corpo todo? Quando, portanto, conforme eu dizia, as amizades nos ocasionam dano, forçoso é rompê-las e fugir. Todavia, se não nos fazem mal relativamente à religião, chamemos e atraíamos esses amigos; de outro lado, se não lhes proporcionas proveito e te prejudicas, lucrarás com a ruptura pacífica e fuga das amizades nocivas; foge apenas, evitando combate ou disputa. Assim exorta Paulo ao declarar: “Procurando, se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós dependa”.³⁰

És servo do Deus da paz. Ele, que expulsava os demônios e espalhava inumeráveis benefícios, quando o chamaram demoníaco, não fez os injuriadores reconsiderarem, não os esmagou, não lhes queimou a língua tão impudente e insensata, embora o pudesse fazer; contentou-se em repelir a acusação, assegurando: “Eu não tenho demônio, porém honro aquele que me enviou”.³¹ E quando o servo do sumo sacerdote lhe bateu, o que disse a ele? “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”³² O Senhor dos anjos defende-se; e se presta contas ao servo, não emprega longos discursos. Tu, apenas revolve as palavras na mente, medita-as sem cessar, e diz: “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”. Pondera quem fala, a quem fala, sobre que assunto. Terás essas palavras como fórmula mágica, divina, sempre a teu dispor e poderão acalmar qualquer irritação. Considera a honra do ultrajado, a indignidade do injuriador e o excesso do ultraje. Ora, ele não foi somente injuriado, e sim batido, e não só isso, mas também esbofeteado, o mais humilhante dos golpes. Entretanto, suportou tudo para que aprendas bem a correção. Não convém pensar nisso somente neste momento; na ocasião oportuna recorda. Aceitai minhas palavras. Por atos demonstrai vossa aceitação. Na verdade, o atleta se exercita na arena apenas com a finalidade de demonstrar em seguida, nos combates, a utilidade dos exercícios; tu também, pois, quando surgir a ira, demonstra o proveito que retiraste das palavras aqui ouvidas e repete constantemente a frase: “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”. Grava estas palavras em teu espírito. Repito-as constantemente no intento de recordar as palavras precedentes, e de guardardes delas recordação indelével, retirando proveito desta lembrança. De fato, se as conservarmos gravadas no íntimo da mente, ninguém será tão duro, tolo e insensível para se deixar levar à cólera. Servir-nos-ão de freio e medida. Serão capazes de reter a língua no momento em que ela se exalta além da medida e da conveniência, de acalmar o espírito agitado e moderá-lo constantemente, e de estabelecer em nós permanentemente a paz perfeita. Possamos gozar desta paz para sempre, pela graça e pelo amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertence a glória, assim como ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ Fl 2,12.

² Jo 13,35.

[3](#) 1Cor 13,3.
[4](#) 1Cor 13,8.13.
[5](#) Ecl 12,13.
[6](#) 1Cor 13,11.
[7](#) Sl 8,2-3.
[8](#) Cf. Ex 4,8-9.
[9](#) 1Cor 13,12.
[10](#) Sl 138,6.
[11](#) Sl 138,14.
[12](#) Sl 138,6.
[13](#) Sl 138,8.
[14](#) Sl 50,8.
[15](#) Sl 146,5.
[16](#) Is 53,8.
[17](#) Sl 138,6.
[18](#) 1Cor 13,9.
[19](#) Rm 11,33.
[20](#) Rm 11,33.
[21](#) 1Cor 2,9.
[22](#) 2Cor 9,15.
[23](#) Fl 4,7.
[24](#) Lc 2,14.
[25](#) Is 6,3.
[26](#) Ez 3,12.
[27](#) 2Tm 2,24.
[28](#) Fl 4,5.
[29](#) Mt 5,29.
[30](#) Rm 12,18.
[31](#) Jo 8,49.
[32](#) Jo 18,23.

SEGUNDA HOMILIA

Vamos! Aprontemo-nos para combater os ímpios anomeus. Se eles se indignarem com a designação de ímpios, fujam da impiedade e eu retiro o nome; renunciem aos pensamentos incrédulos e desistirei do apelativo injurioso. Se, porém, eles pelas obras profanam a fé e não se escondem, cobertos de vergonha, debaixo da terra, por que se irritam contra nós, que condenamos com palavras o que eles manifestam em ações?

Recentemente já descêramos ao estádio da discussão, como recordais, e travamos a luta, de repente interrompida pelos combates a sustentar contra os judeus. Não era prudente descuidar de nossos próprios membros doentes. Falar contra os anomeus é oportuno em todo tempo. Porém, quando a moléstia atingia os irmãos, contagiados pelo judaísmo, se não tomássemos a dianteira a fim de arrancá-los de lá imediatamente, as chamas judaicas os consumiriam. De nada serviria em seguida exortá-los, visto terem sido atingidos pela falta relativa ao jejum.

Depois da luta contra os judeus, sobreveio a vinda de numerosos pais espirituais de diferentes lugares. Não era oportuno, quando todos eles confluíam como rios num mar espiritual, estender-nos em palavras. Enfim, depois da partida deles, apresentaram-se ininterruptamente as memórias dos mártires, e não convinha descurar do elogio a tais atletas. Relembro e enumero todos esses fatos para não atribuídes à hesitação ou à negligência de nossa parte o retardo no prosseguimento dos combates contra os anomeus.

Agora, portanto, que estamos libertos da luta contra os judeus, nossos pais voltaram para a pátria e desempenhamos devidamente o elogio aos mártires; vamos adiante! Chegou o momento de pôr fim à demorada e angustiada expectativa de nos ouvir. Efetivamente, estou ciente de ser tão grande minha ansiedade por proferir estas homilias quanto a vossa por ouvi-las. Ela tem por causa o fato de existir há muito em nossa cidade o amor a Cristo e de terem os ancestrais vos transmitido em herança jamais permitir que se falsifique a doutrina religiosa.

Não seria ocioso comprová-lo? No tempo de vossos antepassados, alguns desceram da Judéia que, alterando a pureza dos ensinamentos dos apóstolos, queriam manter a circuncisão e a lei de Moisés. Os habitantes de vossa cidade não suportaram em silêncio a inovação. Cães valentes, vendo os lobos atacarem e dizimarem o rebanho, saltaram sobre eles e não cessaram de repeli-los e expulsá-los de toda parte enquanto não obtiveram dos apóstolos decretos, remetidos a todo o mundo a fim de reprimir o assalto contra os fiéis, proveniente deles e posteriormente de seus sequazes.¹

Como iniciar o discurso contra eles? De que modo senão acusando-os de pecarem contra a fé? Com efeito, todas as suas ações, seus empreendimentos têm por finalidade extinguir a fé da mente dos ouvintes. Como mereceriam pior estigma de irreligião? Quando Deus revela, importa aceitar com fé sua palavra, sem nos imiscuirmos audaciosamente em questões ociosas.

Se um fortuito interlocutor dentre eles acusar-me de incredulidade, não ficarei indignado. Por quê? Porque demonstro por obras que denominação me convém. Que direi? Acusem-me de ímpio; até me

chamem de louco em Cristo. Alegrar-me-ei também com isso, como se fosse coroado, visto que partilharei este apelativo com Paulo. Pois, efetivamente este declarou: “Somos loucos por causa de Cristo”.² Esta loucura é mais racional que toda espécie de sabedoria. Ora, o que a sabedoria do mundo não pudera descobrir, a loucura por causa de Cristo o alcançou com êxito. Dissipou as trevas terrenas e restaurou a luz do conhecimento. Mas, o que significa ser louco por causa de Cristo? Significa apaziguar nossos pensamentos a divagarem de maneira inoportuna, esvaziar a mente, livre do saber mundano, a fim de receber os ensinamentos de Cristo, disponível, como que bem varrida, a acolher as palavras divinas. Ao revelar Deus uma verdade que não deve ser investigada indiscretamente, importa recebê-la com fé. A propósito de tais revelações, querer inquirir as causas, proceder a verificações, procurar saber como se realizarão, é peculiar à alma repleta de insolência e temeridade. Tento novamente demonstrá-lo a vós, baseado nas próprias Escrituras.

Zacarias era um homem admirável e grande. Investido do sumo sacerdócio, Deus lhe confiara a primazia no meio de todo o povo. Ora, Zacarias entrara no Santo dos santos, para onde lhe era lícito olhar, a ele só, exclusivamente, naquele dia – é digno de nota que ele, como mediador entre Deus e os homens, representava a multidão inteira para oferecer a Deus as orações do povo e tornar o Senhor propício a seus servos! – viu ali dentro um anjo de pé, e como, diante da visão, ficara estupefato, o anjo lhe disse: “Não tenhas medo, Zacarias, porque tua súplica foi ouvida, porque terás um filho”.³

Onde está a conseqüência lógica? Ele rezava pelo povo, implorava misericórdia pelos pecados, suplicava fossem perdoados seus confrades e o anjo lhe diz: “Não tenhas medo, porque tua súplica foi ouvida”, e ele aponta como prova de ter sido ela atendida o fato de que Zacarias terá um filho, a saber, João. E isto se justifica completamente. Efetivamente, se intercedia por causa das transgressões do povo, ia ganhar um filho que exclamaria: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”;⁴ com toda razão declara o anjo: “A tua súplica foi ouvida”, porque terás um filho.

O que fez, então, Zacarias? Propomo-nos demonstrar ser imperdoável procurar indiscretamente saber de que modo se realizarão os oráculos divinos; em vez disso, essas revelações devem ser recebidas com fé. Ele considerava sua idade, seus cabelos brancos, seu corpo debilitado. Ponderava a esterilidade da mulher e permaneceu incrédulo. Ao procurar saber a maneira pela qual isso se faria, pergunta: “De que modo saberei disso?”,⁵ isto é, “como isso será possível?”. Efetivamente, sou velho, coberto de cãs, minha mulher é estéril e de idade avançada; passou o tempo de procriar, a natureza a isso se furta. Seria razoável tal promessa? Eu, o semeador, não tenho forças e estéril é o terreno a semear. Acaso não há os que opinam ser ele digno de perdão, ao investigar assim a seqüência dos fatos, e proferir palavras aparentemente sensatas? Mas Deus não o julgou merecedor de vênia. E com razão. Quando Deus fala, não é lícito argumentar, nem contrapor a seqüência dos fatos ou as forçosas leis da natureza, nem algo de semelhante, porque a força da palavra divina é superior a tudo isso e nenhum obstáculo a retém.

O que fazes, ó homem? Deus promete e procuras defender-te sob o pretexto de idade, contestas com a velhice! A velhice seria mais forte do que a promessa de Deus? A natureza teria maior poder do que o autor da natureza? Teria esta maior poder do que seu criador? Não sabes que obras possantes realizam suas palavras?⁶ Sua palavra firmou os céus, sua palavra fez a criação, sua palavra criou os

anjos, e tu, tu duvidas acerca de um nascimento? Por esta razão o anjo se indignou e não perdoou a Zacarias, nem mesmo levando em conta o sacerdócio; ou melhor, justamente por causa deste castigou-o mais ainda. Na verdade, quem ultrapassava os demais em dignidade devia também superá-los na fé. Qual foi a forma do castigo? “Eis que ficarás mudo e sem poder falar”. Tua língua, que serviu para formular palavras incrédulas, suportará a pena de tua incredulidade. “Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isso acontecer.”⁷ Nota a bondade do Senhor para com os homens. Tu não confiaste em mim, diz ele, recebe agora teu castigo; e quando eu tiver dado uma comprovação pelos fatos, então terminará minha cólera; ao reconheceres que foste punido com justiça, então livrar-te-ei do castigo.

Ouçam os anomeus quanto Deus fica encolerizado por ser perscrutado indiscretamente! Se Zacarias é punido por ter duvidado do nascimento de um mortal, tu que procuras penetrar no mistério inefável de uma geração superior, como escaparás do castigo? Dize-me. Zacarias nada afirmou. Queria somente saber e não obteve perdão; e tu, que te empenhas por conhecer até mesmo o que é impossível a todos contemplar e compreender, de que maneira te defenderás? Que castigo não atrairás contra ti mesmo?

Entretanto, para falar da geração divina, esperemos o momento oportuno. Por enquanto, retornemos à decisão anterior, que deixamos em suspenso anteontem para tentar arrancar a nefasta raiz, mãe de todos esses males, donde germinaram para eles essas doutrinas. Qual a raiz de todos esses males? Crede-me. Arrepio-me horrorizado se quero nomeá-la, pois tremo ao formular com a boca o que eles revolvem incessantemente na mente. Qual é, então, a raiz desses males? Um homem que ousou afirmar: “Eu conheço a Deus como Deus mesmo se conhece”. Será preciso refutar tal afirmação? Exige provas do contrário? Só o fato de pronunciar essas palavras não basta para manifestar a impiedade que contêm? É evidente loucura, demência imperdoável, espécie inteiramente nova de impiedade; ninguém jamais teve a audácia de revolver algo de semelhante na mente ou exprimi-lo com a língua.

Considera, pobre infeliz, quem és tu e a quem procuras cercar de curiosidade! És um homem e investigas indiscretamente a Deus? Somente essas expressões bastariam para mostrar o cúmulo de tua loucura. O homem é pó e cinza,⁸ carne e sangue,⁹ erva e flor da erva,¹⁰ sombra,¹¹ fumaça¹² e vaidade,¹³ a menos que existam ainda coisas de menor consistência e de menor valor do que estas. E não creiais que, ao falar assim, queira acusar a natureza. Aliás, não sou eu que assim falo: são os profetas que desta forma meditam, não para desrespeitar o gênero humano, mas somente para rebaixar a arrogância dos insensatos. Não estão desprezando nossa natureza: querem apenas humilhar a temeridade insensata desses loucos. De fato, apesar de tantas e tamanhas palavras, ainda existem os que vencem o diabo em vanglória. Se nenhuma delas tivesse sido proferida, onde a temeridade louca não os teria lançado? Dize-me. Se com o remédio às mãos continuam inchados, até onde não teria ido sua vaidade e seu orgulho insensato, se aqueles escritores não tivessem falado freqüentemente e tão bem da natureza humana? Escuta, portanto, o que diz de si o justo patriarca: “Eu que sou poeira e cinza”.¹⁴ Ele conversava com Deus; no entanto, a confiança no falar não o exaltava. Pelo contrário, ela própria o induzia a ser comedido. Alguns, porém, que nem por sombra igualam-se ao patriarca,

julgam-se maiores que os próprios anjos. Demonstram estar no cúmulo da loucura.

Queres ingerir-te, dize-me, em questões relativas a Deus, ser que não teve começo, imutável, incorpóreo, incorruptível, onipresente, ser supremo, superior a toda a criação? Escuta as meditações dos profetas sobre ele e teme: “Ele olha a terra e ela estremece”.¹⁵ Basta-lhe um olhar para abalar a vasta extensão da terra. “Toca as montanhas e elas fumegam”;¹⁶ “Abala a terra sob os céus desde os fundamentos e faz vacilar suas colunas”;¹⁷ ameaça o mar e o faz secar;¹⁸ “Ele diz ao abismo: Mudar-te-ás em deserto”;¹⁹ “O mar viu e fugiu, o Jordão voltou atrás; os montes saltaram como carneiros, e as colinas como cordeiros”.²⁰ Todo o universo está abalado, espantado, trêmulo; somente eles desprezam, desdenham, descuidando da própria salvação, para não dizer que o fazem relativamente ao Senhor do universo.

Antes, nós os incitávamos à sabedoria por meio das virtudes superiores, Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins; agora, nós o fazemos mediante a criação insensível, mas nem assim eles se convertem. Não vês o céu, como é belo, grande, coroado pelo coro variegado dos astros? Há quanto tempo dura? Efetivamente, há cinco mil anos, ou mais, que perdura, e este acúmulo de séculos não o fez envelhecer. Como um corpo jovem, cheio de força e vida, que floresce e desabrocha na flor da idade, assim o céu conserva a beleza que teve por partilha desde a origem, e que o tempo de forma alguma diminuiu. Mas, céu belo, grandioso, brilhante, estrelado, inalterável e perdurável é o mesmo Deus – o qual perscrutas e queres abranger com teus pensamentos – que o fez com tanta facilidade quanto alguém brincando construiria uma cabana. É o que exprime Isaías, com essas palavras: “Ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda acima da terra”.²¹ E queres igualmente considerar a terra? Ele a fez também como se nada fosse. Pois, se o profeta diz a respeito do céu: “Ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda acima da terra”, afirma a respeito desta: “Está entronizado sobre o círculo da terra, ele a fez como se nada fosse”,²² ela, de tamanha extensão, tão vasta.

Pensa, portanto, na enorme dimensão das montanhas, nas múltiplas raças dos homens, nas plantas, tão elevadas e variadas, na quantidade de cidades e no tamanho das construções, enfim, quantos os quadrúpedes, feras selvagens e animais de toda espécie que ela sustenta em sua superfície! Entretanto, apesar de ser tal e tão imensa, com tamanha facilidade ele a criou que o profeta, não conseguindo encontrar termo de comparação, disse que ele fez a terra “como se nada fosse”.

Visto que a grandeza e a beleza das coisas visíveis não bastam para manifestar o poder do Criador, porque ficam muito aquém de toda a grandeza e força de quem as fez; os profetas, na medida do possível, encontraram outro recurso, a fim de melhor nos revelar o poder de Deus. Qual? Não se contentam em apontar-nos a grandeza da criação: declaram o modo pelo qual foi feita. Assim, de duas formas, quer tendo em conta a grandeza da obra realizada, quer a facilidade da ação criadora, podemos, de acordo com nossas forças, obter uma noção justa do poder de Deus. Não ponderes, pois, somente a grandeza das coisas criadas, mas ainda a habilidade de quem as fez.

E isto evidencia-se não somente a respeito da terra, como também acerca da própria natureza humana. Efetivamente, ora o profeta diz: “Ele está entronizado sobre o círculo da terra, cujos

habitantes são como gafanhotos”,²³ ora declara: “Para ele as nações não passam de uma gota que cai de um balde”.²⁴ Não ouças desatento essas palavras: aprofunda-as e examina-as cuidadosamente. Pensa em todas as nações: sírios, cilícios, capadócius, bitínios, os habitantes das margens do Ponto Euxino, da Trácia, da Macedônia, de toda a Grécia, das ilhas, da Itália, e das regiões mais longínquas que as notórias, os das ilhas Britânicas, da Sarmácia, da Índia, da Pérsia, em seguida outros povos e nações inúmeras, até anônimas, e de todos esses povos diz o profeta: “para ele não passam de uma gota que cai de um balde”? No entanto, que parcela és tu dessa gota, dize-me, tu que indagas indiscretamente quem é este Deus, para o qual as nações “não passam de uma gota que cai de um balde”?

Por que então falar do céu, da terra, do mar e do gênero humano? Suba nossa dissertação além do céu e chegue até os anjos. Sabeis sem dúvida que um só anjo vale toda a criação visível; ou melhor, é muito superior. De fato, se o mundo inteiro não é digno de um justo, como o demonstra Paulo ao dizer: “Eles, de quem o mundo não era digno”,²⁵ com maior razão jamais poderia ser digno de um anjo, porque os anjos ultrapassam de longe os justos. Existem no alto dez mil miríades de Anjos, mil milhares de Arcanjos e os Tronos, as Dominações, os Principados, as Virtudes, infindas virtudes incorpóreas e grupos enormes; no entanto, as virtudes todas foram com tal facilidade criadas por ele, que palavra alguma o pode exprimir. Sempre bastou-lhe querer, e como em nós o ato da vontade não acarreta cansaço, foi sem esforço algum que ele criou tais e tão grandes virtudes. O profeta o revela nesses termos: “O Senhor fez tudo o que desejou no céu e sobre a terra”.²⁶ Vede que não foi somente na criação das realidades terrestres, mas também na das virtudes superiores que foi suficiente apenas sua vontade.

Ao ouvires isto, não te lamentas, dize-me, e não te escondes debaixo da terra, tu que chegaste, em relação àquele a quem apenas se deve glorificar e adorar, ao extremo da loucura de querer indiscretamente perscrutar e examinar como se fosse o mais vil objeto? Por esta razão, Paulo, repleto de sabedoria, ao ponderar a excelência incomparável de Deus e a vileza da natureza humana, indignava-se contra os que pretendiam penetrar os planos divinos e, irritado, exclamava com grande veemência: “Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”.²⁷ Quem és tu? Pondera primeiro tua natureza; não existe palavra capaz de exprimir teu nada.

Dirás tu: como homem, possuo o privilégio da liberdade. Ora, tal privilégio não o recebeste a fim de discutires, mas para que possas obedecer àquele que to concedeu. Deus te deu tal privilégio não para o ultrajares, e sim para o glorificares. Ora, ultraja-o quem perscruta indiscretamente sua essência. Efetivamente, se é glorificado pela aceitação de suas promessas sem exame, quando alguém se põe, ao invés, a perscrutar de forma indevida e a sondar não apenas as palavras, mas ainda quem as profere, o injuria. Escuta Paulo, a fim de ficares ciente de que o fato de acolher suas palavras sem examiná-las equivale a glorificá-lo, quando diz a respeito de Abraão e da obediência e fé total que demonstra: “Viu seu corpo já amortecido e o seio de Sara sem vida. Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé”.²⁸ Se a idade e a natureza, afirma, induziam-no à desesperança, a fé lhe oferecia as melhores esperanças. “Mas fortaleceu-se na fé, dando glória a Deus,

convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu.”²⁹ Vede que glorifica a Deus quem se convence plenamente daquilo que Deus assevera. Ora, se crer em Deus o glorifica, o incrédulo faz recair a injúria sobre sua própria cabeça.

“Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?” Depois, querendo mostrar quanto se distancia o homem de Deus, Paulo não o consegue convenientemente, mas a comparação que utiliza possibilita-nos conceber distância muito maior. Ora, o que diz? “Vai acaso o vaso de argila dizer ao artífice: Por que me fizeste assim? O oleiro não pode formar de sua massa, seja um utensílio para uso nobre, seja outro para uso vil?”³⁰

Que dizes? Hei de me submeter a Deus qual argila ao oleiro? Sim, assegura Paulo, pois a distância entre o homem e Deus é análoga à que separa a argila do oleiro, ou antes, não é análoga, mas muito maior. De fato, argila e oleiro têm a mesma substância, segundo o Livro de Jó: “Omito os que moram em casas de barro, pois fomos feitos da mesma argila”.³¹ Se o homem parece superior à argila e mais belo, a diferença não provém de desigualdade relativa à natureza, mas da perícia do artífice, pois em nada te distingues da argila. Se duvidas, convençam-te os caixões e as urnas funerárias. Visita os túmulos dos ancestrais, e te certificarás de ser exatamente assim. Não há diferença entre argila e oleiro, enquanto entre a essência de Deus e a dos homens a diferença é tal que não pode ser expressa pela palavra, nem medida pelo pensamento. Da mesma forma que a argila obedece às mãos do oleiro, seja como for que a torneie e modele, hás de ficar mudo como a argila quando Deus quiser realizar algum desígnio seu. Certamente não foi no intuito de abolir nossa liberdade – longe disso – ou de arruinar o livre-arbítrio que Paulo assim se expressou, mas para impor silêncio radical a nossa arrogância.

Se te apraz, vejamo-lo igualmente. Que conhecimento queriam, portanto, atingir aqueles cuja boca Paulo fechava com tanta energia? Estavam perscrutando indiscretamente a essência divina? De forma alguma. Jamais alguém teve tal audácia; tinham propósitos mais modestos, procuravam conhecer os desígnios de Deus; por que razão, por exemplo, alguém é punido, enquanto um outro é poupado; por que este escapa do castigo quando aquele é atormentado; por que um obtém perdão, e outro, não. Eram perguntas tais que eles formulavam. Como o sabemos? Pelas palavras precedentes. Paulo, de fato, dissera: “De modo que ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer. Dir-me-ás então: por que ele ainda se queixa? Quem, com efeito, pode resistir à sua vontade?” Então ele acrescenta: “Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”³²

Quando eles quiseram perscrutar os desígnios de Deus, Paulo impõe-lhes silêncio. Por conseguinte, ele não lhes permite nem isso; e tu, ao investigares o Ser bem-aventurado, que governa o universo, não mereces ser fulminado dez mil vezes? Não seria o auge da loucura? Escuta o profeta, ou antes, Deus que fala através dele: “Mas se eu sou pai, onde está minha honra? Se eu sou senhor, onde está o temor que me é devido?”³³ Quem for temente a Deus não perscrute: adore; não pesquise indiscretamente: bendiga e glorifique.

Aprende isso das virtudes superiores e do bem-aventurado Paulo. Ele, que censura as pretensões alheias, não sofre do mesmo mal. Escuta o que diz aos filipenses, declarando que possui apenas ciência parcial – da mesma forma que escrevia aos coríntios: “Nosso conhecimento é limitado” – e

ainda não conhece tudo; e exclama: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado”.³⁴ O que há de mais claro do que esta palavra? Grito a ressoar com maior intensidade que o som da trombeta, ensinando a todos que devem amar e apreciar o conhecimento limitado que lhes foi dado e não acreditar que já apreenderam tudo.

O que declaras? Dize-me. Tens o Cristo a falar em ti e afirmas: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo tenha alcançado”. Se o asseguro, responde, é justamente porque Cristo fala em mim; ele mesmo mo ensinou. Assim, portanto, ao dizer Paulo: “Eu não julgo ter alcançado”, aqueles outros, se não estivessem totalmente desprovidos da assistência do Espírito e não houvessem afastado da alma a influência dele oriunda, não julgariam estar de posse de toda a verdade!

Daí, evidencia-se, dir-se-ia, que Paulo nessa passagem alude à fé, ao conhecimento e às crenças e não ao tipo ou estilo de vida, como se ele tivesse dito: considero-me imperfeito quanto ao tipo e estilo de vida. Ou melhor, ele o manifesta declarando: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça”.³⁵ Quem está prestes a receber a coroa e terminou a carreira não dirá: “Eu não julgo ter alcançado tudo”. Além disso, não é questão obscura quais as ações lícitas ou ilícitas; são evidentes e manifestas a todos, mesmo aos bárbaros, aos persas e a todo o gênero humano.

Para esclarecer melhor o que digo, vou colocar as passagens no respectivo contexto. Paulo havia dito: “Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários”,³⁶ em seguida, tendo dedicado várias frases aos que introduziam erroneamente doutrinas judaicas, acrescenta: “Mas, o que era para mim lucro, eu o tive como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda, para ser achado nele, não tendo a justiça da Lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé em Jesus Cristo”.³⁷ Depois, determina qual a fé: “Para conhecê-lo, conhecer o poder de sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos”.³⁸ Que significa: “o poder de sua ressurreição”? Paulo afirma que nos é revelado um novo modo de ressurreição. Ora, antes dele, muitos mortos, de múltiplas maneiras, haviam ressurgido, mas nenhum dessa forma. Todos os outros, após a ressurreição, haviam retornado à terra e, isentos temporariamente do domínio da morte, acabavam recaindo sob seu poder. Ao contrário, o corpo do Senhor não retornou à terra após a ressurreição, mas subiu aos céus; ele destruiu a tirania do inimigo; fez ressuscitar consigo a terra inteira e agora está sentado no trono real.

Paulo, considerando tudo isso e no intuito de mostrar que tais e tão grandes maravilhas jamais poderiam ser-nos explanadas pela razão, mas que apenas a fé é capaz de no-las ensinar e esclarecer, diz sobre a fé: “conhecer o poder de sua ressurreição”. De fato, se a razão não pode absolutamente nos sugerir qualquer espécie de ressurreição – porque ultrapassa a natureza humana e o curso habitual das coisas –, que argumentos aduzir acerca dessa ressurreição totalmente diversa? Certamente nenhum. Mas, precisamos da fé para acreditar que um corpo mortal ressuscitou e alcançou uma vida imortal, ilimitada, sem fim. É exatamente o que Paulo assinala, aliás, nesses termos: “Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele”.³⁹ Dupla maravilha, isto é, a primeira, ressuscitar, depois ressuscitar desse modo! Desse modo, ele assevera sobre a fé: “conhecer o poder de sua ressurreição”. Se é impossível abranger pela razão sua

ressurreição, quanto mais no tocante à geração divina.

Referindo-se ao assunto e também à paixão e cruz, Paulo demonstrou derivar tudo isso do poder da fé. Depois de todas essas asserções, prossegue: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado”. Ele não afirma: “Irmãos, eu não julgo saber”, e sim que não “tenha alcançado”. Atesta assim não possuir nem ignorância crassa, nem conhecimento abrangente. Pois dizer: “Eu não julgo que o tenha alcançado” significa chegar a determinado ponto da caminhada, andar e avançar e, contudo, de forma alguma ter atingido o termo.

Ele dá aos outros este mesmo conselho quando assim se expressa: “Todos nós que somos perfeitos tenhamos esses sentimentos, e, se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”.⁴⁰ Não é, pois, a argumentação, assegura ele, que vos ensinará, e sim Deus, que vos há de revelar. Vês bem que não se trata de comportamento ou gênero de vida, mas de doutrina e fé. Pois não são a conduta e o gênero de vida que exigem revelação, mas a doutrina e o conhecimento. Em outra passagem ele manifesta ainda idêntico parecer: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber”.⁴¹ Não diz simplesmente: “Não sabe”, e sim: “ainda não sabe como deveria saber”; realmente possui conhecimento, não, porém, exato nem completo.

Para perceberes que isso é verdade, não é absolutamente necessário falarmos das coisas divinas; se te apraz, dissertemos sobre as realidades inferiores, relativas à criação visível. Vês o céu? Tem a forma de uma abóbada, nós o sabemos, não através de raciocínios, mas pela divina Escritura; e envolve toda a terra, nós o sabemos igualmente por meio dela. Porém, ignoramos qual sua essência. Se alguém contradiz e quer disputar, declare de que substância se origina o céu. Acaso de água congelada? De uma nuvem condensada? De ar espesso? Nada disso pode alguém afirmar com certeza. Tens ainda necessidade de prova, responde-me, para reconhecer a insensatez dos que pretendem saber quem é Deus? Não podes explicar a natureza do céu que vemos diariamente; no entanto, proclamas conhecer exatamente a essência do Deus invisível! Quem é bastante insensato para não perceber que se acham no auge da loucura os que empregam tal linguagem?

Por esta razão, exorto-vos a tratá-los como frenéticos e desarrazoados e a tentar curá-los, à medida de vossas forças, falando-lhes com doçura e equidade. Com efeito, a loucura induziu-os a tal opinião e a incharem-se de orgulho; ora, os ferimentos inflamados não suportam nem o contato das mãos, nem maior pressão. Por isso os médicos peritos limpam esta espécie de chagas com esponjas delicadas. Uma vez que eles têm igualmente na alma uma ferida inflamada, e como se tira água potável e benéfica com uma esponja macia, tentemos, derramando por cima boas palavras, reduzir esta inflamação e suprimir o inchaço. Mesmo, caríssimo irmão, se te injuriarem, te derem pontapés e te cuspirem, se fizerem seja o que for, não desistas dos curativos. De fato, os que cuidam de um homem louco devem suportar muitas coisas desta espécie e não podem abandoná-lo apesar de tudo, mas devem apiedar-se e lastimá-lo tanto mais por se tratar de manifestação da doença.

Dirijo-me aos mais fortes dentre vós, aos menos influenciáveis, aos mais capazes de freqüentes contatos com eles sem sofrer dano. Os mais fracos, ao contrário, fujam da companhia deles e evitem o diálogo, não suceda que o pretexto de amizade se transforme em oportunidade de irreligião. Agia Paulo da seguinte maneira: aproximava-se dos enfermos, conforme declara: “Para os judeus, fiz-me

como judeu. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei”,⁴² mas desaconselha aos discípulos e mais fracos que o imitem, por meio desses avisos e ensinamentos: “As más companhias corrompem os bons costumes”⁴³ e: “Saí do meio de tal gente e afastai-vos, diz o Senhor”.⁴⁴

Quando o médico visita um doente, com freqüência resultam benefícios para ambos, mas se alguém um tanto fraco vai para junto dos doentes, simultaneamente causa dano a eles e a si mesmo, porque em nada lhes será útil, e a doença lhe acarretará grande mal. Os que ficam olhando pacientes atingidos de oftalmia contraem a moléstia; assim também os que se unem aos blasfemadores, se são mais fracos, arriscam-se a participar de sua impiedade.

A fim, portanto, de evitar tão graves perigos, fujamos da companhia deles e contentemo-nos com rezar e implorar a Deus que ama os homens, quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, para que os liberte do erro e das ciladas do diabo e reconduza-os à luz da verdade, a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, em união com o vivificante e santíssimo Espírito. A ele glória e poder, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ Cf. At 15,1-31.

² 1Cor 4,10.

³ Lc 1,13.

⁴ Jo 1,29.

⁵ Lc 1,18.

⁶ Cf. Gn 1,1-26.

⁷ Lc 1,20.

⁸ Cf. Gn 18,27.

⁹ Cf. Mt 16,17.

¹⁰ Cf. Is 40,6.

¹¹ Cf. 1Cr 29,15.

¹² Cf. Sl 101,4.

¹³ Cf. Sl 38,5.

¹⁴ Gn 18,27.

¹⁵ Sl 103,32.

¹⁶ Sl 103,32.

¹⁷ Jó 9,6.

¹⁸ Cf. Is 51,10.

¹⁹ Is 44,27.

²⁰ Sl 113,3-4.

²¹ Is 40,22.

²² Is 40,22-23.

²³ Is 40,22.

²⁴ Is 40,15.

²⁵ Hb 11,38.

²⁶ Sl 134,6.

²⁷ Rm 9,20.

²⁸ Rm 4,19-20.

²⁹ Rm 4,20-21.

³⁰ Rm 9,20-21.

³¹ Jó 4,19.

³² Rm 9,18-19.20.

³³ Ml 1,6.

³⁴ Fl 3,13.

³⁵ 2Tm 4,7-8.

³⁶ Fl 3,2.

³⁷ Fl 3,8-9.

³⁸ Fl 3,10.

[39](#) Rm 6,9.

[40](#) Fl 3,15.

[41](#) 1Cor 8,2.

[42](#) 1Cor 9,20.

[43](#) 1Cor 15,33.

[44](#) 2Cor 6,17.

TERCEIRA HOMILIA

Ao observarem os agricultores diligentes uma árvore estéril ou silvestre que resiste a seus esforços e danifica o cultivo das plantas, por suas raízes muito grandes ou pela sombra espessa, apressam-se em abatê-la. Muitas vezes irrompe o vento e presta auxílio em arrancá-la. Atacando a árvore pelo cimo e sacudindo-a violentamente, ajuda a quebrá-la e a jogá-la por terra, diminuindo assim para eles grande parte do labor. Visto que queremos também nós abater uma árvore silvestre e inculta, isto é, a heresia dos anomeus, peçamos a Deus que nos envie a graça de seu Espírito, a fim de que esta, desencadeando-se com maior violência que o vento, extirpe a heresia até às raízes e alivie assim em grande parte nosso labor.

Freqüentemente brotando do seio de um terreno inculto, não trabalhado por mãos humanas, fervilham ervas más, grande quantidade de espinhos e árvores silvestres. Assim também, da alma dos anomeus, deixada a si mesma e privada dos cuidados das Escrituras, irrompe esta heresia selvagem e feroz. Pois nem Paulo plantou¹ esta árvore, nem Apolo a regou, nem Deus a fez crescer.² Plantada pela inoportuna curiosidade dos raciocínios, irrigada por um orgulho insensato, foi incrementada pela ambição dos louvores.

Precisamos da chama do Espírito não somente para arrancá-la, como também a fim de consumir pelo fogo esta funesta raiz. Invoquemos, portanto, ao Deus que eles blasfemam e que nós bendizemos; supliquemos que nos mova a língua com mais eloqüência e nos abra a mente a entender melhor o que vamos dizer.

Por causa dele, portanto, e de sua glória, ou melhor, por nossa salvação, dispendemos esses esforços. De fato, é tão impossível, bendizendo, aumentar o esplendor de Deus, quanto prejudicá-lo ultrajando-o. Ele permanece imutável em sua glória; não cresce se o bendizemos, nem diminui se o blasfemamos. Aqueles dentre os homens, porém, que o glorificam o quanto é justo, ou antes, visto ser impossível glorificá-lo o quanto merece, à medida das próprias forças, recolhem o benefício deste louvor; os que o blasfemam e depreciam-no, contudo, prejudicam sua própria salvação.

Por este motivo, a palavra: “Aquele que joga uma pedra para o ar joga-a sobre sua cabeça”³ aplica-se aos blasfemadores, pois aquele que joga uma pedra para o ar certamente não transpassa a abóbada celeste, nem mesmo adianta-se até essa altura, mas recebe o golpe sobre a própria cabeça, porque a pedra recai sobre aquele que a jogou. Da mesma forma, quem blasfema o ser bem-aventurado não o prejudica, por ser ele grande demais e excessivamente elevado para sofrer qualquer dano, e a espada que deste modo alguém afiar se voltará contra sua própria alma, em punição da ingratidão a seu benfeitor.

Invoquemo-lo, portanto, como o Deus inexprimível, inconcebível, invisível e incompreensível. Ele ultrapassa a força da linguagem humana e escapa ao alcance da inteligência de qualquer mortal; não podem os Anjos investigá-lo, nem os Serafins contemplá-lo, nem os Querubins compreendê-lo; é invisível aos Principados, às Potestades, às Virtudes e a todas as criaturas sem exceção; somente o

Filho e o Espírito o conhecem.

Sei que serei acusado de arrogância porque assegurei ser ele incompreensível até mesmo às virtudes superiores. Mas, pelo contrário, hei de convencê-los de que estão no auge da loucura e demência. Ora, não é arrogância afirmar que o Artífice está acima da compreensão de todos os seres criados; ao contrário, sê-lo-ia assegurar que possam os que rastejam na terra, muito inferiores às virtudes do alto, circunscrever e compreender com seus fracos raciocínios o Ser incompreensível àquelas virtudes. Em meu caso, se não consigo provar o que afirmei, reconhecerei que foi justa a acusação de arrogância. Quanto a vós, depois que eu tiver demonstrado ser Deus incompreensível às virtudes superiores, se ainda discutis com obstinação e persistis na pretensão de conhecê-lo, quantas vezes merecereis ser lançados no fundo dum abismo, de um precipício, por vos vangloriades de conhecer exatamente o que é invisível a todas as virtudes incorpóreas?

Procedamos à demonstração, recorrendo novamente à oração; efetivamente, não raro, simplesmente em conseqüência da oração encontramos a desejada demonstração. Invoquemos, pois, a Deus, “o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém!”.⁴ Não são minhas estas palavras, e sim de Paulo. Anota a piedade e o temor arraigados em sua alma. Ao mencionar o nome de Deus, não concorda em prosseguir a explanação da doutrina antes de lhe prestar a devida homenagem, terminando a frase com uma doxologia. E com efeito, se “a memória do justo é bendita”,⁵ a memória de Deus merece muito mais ser louvada.

É o que faz Paulo no início das Epístolas. Não raro, ao começar uma Epístola, desde que menciona o nome de Deus, não prossegue a exposição da doutrina antes de lhe ter tributado o devido louvor. Escuta como se expressa ao escrever aos Gálatas: “Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados a fim de nos livrar do presente mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém”.⁶ E em outra passagem: “Ao Rei dos séculos, incorruptível, invisível, ao Deus único e sábio, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!”.⁷

Age assim apenas relativamente ao Pai, e não acerca do Filho? Escuta, então, como age do mesmo modo para com o Unigênito. Tendo dito: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne”, prossegue: “aos quais pertencem a adoção filial, as alianças, a legislação, o culto, as promessas; deles descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos! Amém”.⁸ Assim como ao Pai, tendo dado glória ao Unigênito, continua, por ter ouvido que Cristo disse: “A fim de que todos honrem o Filho como honram o Pai”.⁹

No intuito de saberdes que a própria oração nos fornecerá a prova, apresentemo-la: “O Rei dos reis”, diz Paulo, “e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível”. Pára aqui e pergunta ao herege qual o significado dessas palavras: “que habita uma luz inacessível”. Presta atenção à exatidão de Paulo. Ele não diz: aquele que é uma luz inacessível, e sim “que habita uma luz inacessível”, a fim de que saibas que, se a morada é inacessível, muito mais Deus,

que ali habita! Ele assim se exprimiu, não certamente para imaginares Deus numa casa e em determinado lugar, mas para que assaz reconheças ser ele incompreensível.

Igualmente não disse: “aquele que habita uma luz incompreensível”, e sim “inacessível”, o que é muito melhor. De fato, diz-se que algo é incompreensível quando os que o examinam não conseguem apreendê-lo, apesar das pesquisas e buscas. Inacessível, porém, é o que desde o início se furta a qualquer investigação, sequer permite aproximação. Por exemplo, pode-se dizer que as profundezas do mar são inacessíveis porque os mergulhadores que nele descem e mergulham o mais profundamente possível não conseguem encontrar o fundo; mas o que se chama inacessível é o que desde o início não é possível procurar e sondar.

O que replicarias? Que ele é incompreensível aos homens, mas não aos anjos nem às virtudes do alto. E tu, dize-me, acaso és um anjo e fazes parte do coro das virtudes incorpóreas? Não és um homem, e da mesma substância que eu? Esqueces, por conseguinte, qual é tua natureza? Concedamos ser Deus inacessível apenas aos homens, embora isso não esteja determinado e Paulo não tenha dito: “ele habita uma luz inacessível aos homens, mas não aos anjos”. Se te apraz, façamos essa concessão. Mas tu, acaso não és homem? Que importa que não seja inacessível aos anjos? Em que isso importa a ti, que sustentas e pretendes assegurar ser a essência divina compreensível à natureza humana?

Para que saibas que é inacessível não somente aos homens como também às virtudes superiores, escuta o que diz Isaías – e quando me refiro a Isaías, quero dizer a palavra do Espírito, visto que todo profeta fala sob a ação do Espírito: “No ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado; em torno dele, em pé, estavam Serafins, cada um com seis asas; com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés”.¹⁰ Por que motivo, dize-me, escondiam as faces com as asas? Por que, senão por não suportarem o brilho e o fulgor da luz que o trono irradiava? E no entanto não viam esta claridade em sua intensidade, não contemplavam a essência divina em toda a incolumidade, mas tinham sob os olhos sinais visíveis de sua condescendência. Que condescendência? A de Deus aparecer e mostrar-se não tal qual é, mas o quanto visível a quem for capaz, adaptando à fraqueza dos videntes o modo de apresentar a visão.

As próprias palavras do profeta comprovam que houve neste caso condescendência: “Vi o Senhor, disse ele, sentado sobre um trono alto e elevado”. Mas Deus não está sentado, pois esta posição só a tomam os seres corporais. E disse: “Sobre um trono”, porém, um trono não contém a Deus, porque a divindade não pode ser circunscrita. Entretanto, essas virtudes superiores não eram capazes nem mesmo de sustentar a condescendência divina, embora estivessem muito próximas: “Em torno dele, em pé estavam Serafins”. Ou melhor, não podiam olhá-lo justamente devido a sua proximidade. No entanto, o Espírito Santo não diz que estavam localmente perto de Deus; quer dizer que, apesar de serem mais semelhantes do que nós à essência divina, nem por isso podem contemplá-la; e em consequência disse: “em torno dele, em pé estavam Serafins”, sem acenar a um lugar, mas com a finalidade de apontar com a utilização desta proximidade local uma afinidade maior com Deus que a nossa.

Com efeito, não discernimos a incompreenbilidade de Deus quanto a essas ilustres virtudes, e isso na mesma medida em que elas são mais puras, sábias e perspicazes que a natureza humana. Da mesma forma que o cego apreende menos do que o vidente o que há de inacessível nos raios do sol,

igualmente nós apreendermos menos bem do que elas a incompreensibilidade de Deus. A distância que separa um vidente de um cego se iguala à diferença entre elas e nós. Por isso, ao ouvires o profeta declarar: “Vi o Senhor”, não calcules que viu a essência; não captou senão algo de sua condescendência, e isso ainda sob forma mais imperceptível do que vêm as virtudes do alto, pois ele certamente não possuía a mesma acuidade de visão que os Querubins.

E por que falar da essência bem-aventurada, se ao homem não é possível ver sem temor nem mesmo aos anjos? Para que saibais que isso é verdade, trago perante vós um amigo de Deus, um homem a quem a sabedoria e a justiça que possuía davam muita confiança e já se assinalara por várias ações importantes, o santo profeta Daniel. Assim, após apresentá-lo inerte, desfeito e cambaleante, em consequência da presença de um anjo, ninguém julgará que o desfalecimento foi provocado por seus pecados ou por consciência onerada; estando fora de dúvida a segurança de seu espírito, restará apenas a acusação de fraqueza da natureza.

Ora, Daniel jejuara durante três semanas; não havia ingerido alimento nutritivo de pão, nem vinho, nem carne haviam entrado em sua boca, e não se ungira com óleo. Foi então que teve esta visão, estando sua alma mais predisposta a receber tal aparição, pois se tornara, devido ao jejum, mais leve e mais espiritual. E que diz ele? “Levantei os olhos para observar. E vi: um homem revestido de *baddis* – isto é, uma veste sacerdotal –, com os rins cingidos de ouro puro de Ophaz; seu corpo tinha a aparência dos tesouros de Tarsis, e seu rosto o aspecto do relâmpago; seus olhos, como lâmpadas de fogo, seus braços e suas pernas, como o fulgor do bronze polido, e o som de suas palavras, como o clamor de uma multidão. Somente eu vi esta aparição. Os homens que estavam comigo não viam a visão e, no entanto, um grande tremor se abateu sobre eles, a ponto de fugirem de medo. Não restou força alguma em mim, e minha glória mudou-se em corrupção”.¹¹

Ora, que significa: “minha glória mudou-se em corrupção”? Daniel era um belo jovem; quando o temor que lhe inspirava a presença do anjo o deixou lívido como um moribundo, perdeu o vigor da juventude e as belas cores de sua tez; foi assim que, segundo sua própria expressão, sua “glória mudou-se em corrupção”. Da mesma forma que, se um cocheiro fica com medo e solta as rédeas, os cavalos se precipitam para onde for e o carro vira, o mesmo acontece normalmente à alma dominada pelo medo e pela angústia. Apavorada, solta quais rédeas as energias sensíveis do corpo, relaxa os membros e estes, privados da força que os animava, desfalecem e tombam. Eis o que Daniel então sentiu.

E o que fez o anjo? Reergueu-o e disse: “Daniel, homem das predileções de Deus, compreende as palavras que vou te dizer. Põe-te de pé em teu lugar, porque é para ti que fui enviado”.¹² Ele se ergueu então, todo trêmulo. E como o anjo recomeçava a lhe falar e dizia: “Desde o primeiro dia em que aplicaste teu coração a mortificar-te diante de teu Deus, tuas palavras foram ouvidas. E é por causa de tuas palavras que eu vim”,¹³ novamente caiu por terra, conforme acontece aos que desmaiam. Algumas vezes eles se recuperam, voltam a si e olham-nos enquanto os sustentamos e jogamos-lhes água fria no rosto; depois de repente desmaiam novamente em nossos braços. Foi o que sucedeu ao profeta. Sua alma, cheia de temor, incapaz de sustentar a visão da presença deste outro servo de Deus e sendo-lhe insuportável o brilho daquela luz, agitava-se, impelida como estava de se libertar das

cadeias da carne. Mas o anjo ainda a reteve.

Que me ouçam os que tentam perscrutar indiscretamente o Senhor dos anjos! Daniel, diante de quem os leões abaixavam os olhos, Daniel que, num corpo humano, era dotado de poder sobre-humano, não agüentava a presença deste outro servo de Deus e jazia ali sem alento. “Minhas entranhas se comoveram diante desta visão, nem sequer me restava o próprio alento.”¹⁴ E homens tão distantes da virtude deste justo se gabam de conhecer com inteira exatidão o Ser supremo e primeiro que criou miríades de anjos; entretanto, Daniel não pôde suportar a visão de um só dentre eles!

Voltemos, porém, a nosso precedente discurso, e comprovemos que as Virtudes superiores não podem contemplar a Deus, mesmo quando há condescendência. Com efeito, por que razão, diz-me, os Serafins utilizam as asas para voar? Por nenhuma outra, a não ser para anunciar por atos a palavra do Apóstolo: “Ele habita uma luz inacessível”; e não são os únicos a proceder desta forma, pois também os Querubins, acima deles, o fazem. Os primeiros ficam de pé junto de Deus, enquanto os segundos lhe servem de trono. Não quer isso dizer que tenha Deus necessidade de um trono: isso é a fim de que te certifiques da dignidade destas virtudes.

Escuta agora outro profeta a falar a respeito delas. “Veio a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, junto ao rio Cobar”.¹⁵ Ele se encontrava, portanto, às margens do rio Cobar, enquanto o outro estava às margens do Tigre.¹⁶ Com efeito, cada vez que Deus quer apresentar a seus servos uma visão extraordinária, leva-os para fora das cidades, em local tranqüilo, a fim de que a alma, não perturbada por coisas visíveis ou por algum ruído, e gozando de inteira serenidade, ocupe-se apenas de contemplar tal visão. Que viu, então, Ezequiel? “Vi uma nuvem, diz ele, que vinha do norte, cercada de grande luz e um fogo chamejante em torno dela; no centro algo que parecia electro e era fulgurante. No centro algo com forma semelhante a quatro animais, cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. Cada qual tinha quatro faces e quatro asas”. E disse ele que tinham alta estatura e eram terríveis. Os quatro tinham o dorso rodeado de olhos. Sobre suas cabeças havia algo que parecia uma abóbada, brilhante como o cristal, estendida sobre suas cabeças. Cada um tinha duas asas que lhe cobriam o corpo. Por cima da abóbada havia uma pedra de safira em forma de trono, e sobre esta forma de trono, bem no alto, havia um ser com aparência humana. Viu um brilho como de electro, da cintura para cima; e daí para baixo, algo que parecia fogo e um brilho em torno dele, algo que sugeria o arco que, em dia de chuva, aparece nas nuvens.¹⁷

E depois disso, querendo demonstrar que nem o profeta, nem aquelas virtudes abordavam a essência divina, o profeta acrescenta: “Tal era a aparência, semelhante à glória do Senhor”.¹⁸ Não vês, aqui e ali, que se trata da condescendência de Deus? E, contudo, as próprias virtudes velam-se com as asas, exclusivamente pelo motivo supracitado (apesar de serem muito prudentes, sábias e puras).

Como se evidencia isso? Por seus próprios nomes. De fato, como o anjo é assim denominado, porque anuncia aos homens os desígnios de Deus, e o arcanjo, porque comanda os anjos, assim também as virtudes são assim nomeadas devido a sua sabedoria e pureza. As asas, porém, assinalam sua sublime natureza. Por esta razão, Gabriel aparece alado. Não significa que os anjos tenham asas, e sim para te certificares de que eles deixam as regiões superiores e a convivência celeste para se aproximarem da natureza humana. Assim também as asas indicam apenas a excelência de natureza.

Da mesma forma, pois, que as asas designam a sublimidade de sua natureza, o trono significa que Deus nelas repousa, e os olhos designam a acuidade de sua visão; como a proximidade do trono e os hinos incessantes mostram sua vigilância insone, igualmente o nome de umas exprime a sabedoria e o das outras, a pureza. Efetivamente, que quer dizer “Querubim”? Conhecimento perfeito. Que é “Serafim”? Boca abrasada. Vês como seus nomes aludem à pureza e à sabedoria?

Se, por conseguinte, onde se encontra o conhecimento perfeito não se vê a Deus de modo claro, embora haja condescendência, onde existe conhecimento limitado, segundo a palavra de Paulo: “O nosso conhecimento é limitado, em espelho e de maneira confusa”, que loucura não seria pretender conhecer e ver claramente as realidades, invisíveis até àquelas virtudes?

E não é apenas aos Querubins e Serafins, mas também aos Principados, Potestades, a todas as virtudes criadas que Deus é incompreensível. Agora queria demonstrá-lo, mas nosso espírito desfalece, não pela quantidade, porém pela terribilidade do que deve dizer. Pois a alma treme e estremece quando permanece por muito tempo em contemplações celestes. Façamo-la descer dos céus, ainda trêmula reconduzamo-la e refugiemo-nos na habitual exortação. Em que consiste? Em rezar, a fim de que os atingidos por esta moléstia afinal fiquem curados. Se vos pedimos que supliqueis a Deus pelos doentes, os condenados às minas, os submetidos a dura escravidão, os possessos, muito mais devemos fazê-lo por estes hereges, porque sua impiedade é mais nociva que a do demônio. A insânia dos possessos tem perdão, enquanto esta doença não tem desculpa alguma.

Uma vez, porém, que aludi à oração pelos possessos, quero recorrer a vossa caridade para extirpar da Igreja um mal pernicioso. Ora, seria estranho dispensarmos tantos cuidados aos de fora e menosprezarmos ao mesmo tempo nossos próprios membros. Mas, qual é a doença? Esta multidão extraordinária que agora aplaude e ouve tão atenta, muitas vezes no momento mais sagrado, inutilmente a procuro com os olhos. Lastimo-o profundamente. Fala alguém, servo de Deus apenas como vós; grande é o empenho e intenso o interesse; aglomeram-se e ficam até o fim; ao contrário, quando Cristo vai aparecer no decurso dos mistérios sagrados, a igreja fica vazia e deserta!

Que desculpas merece tal fato? Esta negligência vos faz desmerecer todos os elogios a vosso zelo em escutar a palavra. Na verdade, quem não vos condenaria e também a nós, verificando que desaparecem tão depressa os frutos da palavra que ouvistes? Porque se escutásseis o que vos é pregado como é preciso, pelas obras manifestaríeis vosso zelo. Escapar-vos logo que acabastes de ouvir significa que o espírito nada captou, nem reteve do que foi dito. Entretanto, se nossos ensinamentos se imprimissem em vossas almas, certamente eles vos haveriam de manter dentro da igreja e fariam com que participásseis com maior piedade de nossos terríveis mistérios. Entretanto, como se houvésseis ouvido um citarista, ides embora logo que o pregador termina, sem retirar proveito.

Qual a gélida desculpa de muitos? Eu posso, dizem eles, rezar também em casa, enquanto é impossível ouvir em casa homilia ou instrução. Enganas-te a ti mesmo, ó homem. Se, de fato, podes rezar em casa, não podes rezar do mesmo modo que na igreja, onde se encontra grande número de Pais e onde um clamor unânime sobe até Deus. Ao invocares o Senhor particularmente não és atendido tão bem como na companhia dos irmãos. Aqui existe algo mais, a saber, a concordância dos espíritos e a unanimidade das vozes, o nexos da caridade e as orações sacerdotais. Efetivamente, os sacerdotes presidem a fim de que as orações do povo, mais fracas, unidas às deles, mais fortes, simultaneamente

se elevem para o céu.

Aliás, qual a utilidade duma homilia, se não conjugada à oração? A oração vem em primeiro lugar, em seguida a palavra, conforme dizem os apóstolos: “Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da palavra”.¹⁹ Assim igualmente age Paulo quando reza nos proêmios das Epístolas, a fim de que, à semelhança do brilho de uma lâmpada, a luz da oração abra caminho à palavra. Se te acostumas a rezar com fervor, não terás necessidade de ser instruído por outros servos de Deus, o qual, sem intermediários, iluminará ele próprio teu espírito.

Se a oração de um só tem tal poder, quanto mais a oração feita com o povo. Efetivamente, o vigor desta é bem maior e a confiança mais segura do que as da oração feita em casa, particularmente. Como o sabemos? Ouve Paulo: “Foi ele que nos libertou de tal morte e dela nos libertará; nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. Vós colaboraríeis para tanto mediante vossa prece; assim, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor”.²⁰ Assim também Pedro escapou do cárcere: “A Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele”.²¹

Se a oração da Igreja foi tão útil a Pedro e tirou da prisão esta coluna, dize-me como tu podes menosprezar sua eficácia, e que defesa terás? Escuta o próprio Deus a afirmar que ele se torna propício quando o povo o invoca de boa mente. Aconteceu isso quando ele se defendia das queixas de Jonas, por causa da planta da mamona, nesses termos: “Tu tens pena da mamona, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer. E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens?”.²² De propósito ele destaca o número dos habitantes, para que saibas que a oração de muitas vozes unidas tem grande poder. Quero mostrá-lo igualmente por um exemplo da história humana geral.

Há dez anos alguns homens foram presos, como sabeis, porque tentavam apossar-se do poder supremo. Entre eles, havia um homem investido de alta dignidade que foi reconhecido culpado e amordaçado, e já estava a caminho da morte. Então toda a cidade correu ao hipódromo; os trabalhadores, tendo abandonando as oficinas, e o povo todo reunido, conseguiram arrancar da cólera imperial o condenado que, no entanto, não merecia absolutamente o perdão.

Assim, quando quereis acalmar a ira de um príncipe da terra, acorreis todos com as mulheres e as crianças, mas, ao se tratar de tornar propício o rei dos céus e de arrancar-lhe, se irado, não apenas um pecador, como então, nem dois, nem três, nem cem, mas todos os pecadores do mundo, e livrar das redes do diabo os possessos, ficais sentados lá fora, em vez de acorrerdes todos em comum para que Deus, tocado pela unanimidade das vozes, isente-vos do castigo e vos perdoe os pecados?

Se estás nesse momento na praça pública, ou em casa, ou implicado em negócios inadiáveis, não deves, com ímpeto maior que o de um leão, romper os laços que te prendem e escapar para participar das preces comuns? Que esperança de salvação não terás naquele momento, dize-me, caríssimo irmão? Não somente os homens emitem esses sagrados e terríveis clamores, como também os próprios anjos se lançam aos pés do Senhor e os arcanjos suplicam. Têm um momento favorável quando a oblação ajuda-os no combate.

Da mesma forma que os homens cortam ramos de oliveira e agitam-nos diante dos reis para

relembrar-lhes por meio desta planta a misericórdia e a bondade, também os anjos, nesse momento, apresentando, em vez de ramos de oliveira, o próprio corpo do Senhor, invocam o Senhor em favor da natureza humana, dizendo mais ou menos o seguinte: “Nós te suplicamos por estes, que tu mesmo julgaste dignos de receber teu amor preveniente, a ponto de dares a própria vida; por eles difundimos nossas preces, como tu, em seu favor, derramaste teu sangue; nós te invocamos por aqueles em cujo benefício ofereciste em sacrifício teu corpo, aqui presente”.

É igualmente por este motivo que, neste momento, o diácono chama os possessos, ordena-lhes que apenas inclinem a cabeça, a fim de suplicarem ao menos pela atitude corporal, pois não lhes é permitido participar das orações comuns dos irmãos. Foi animado por este pensamento que ele os chama a fim de que, movido de piedade diante de sua tribulação e de seu mutismo, uses de tua intercessão junto de Deus em favor deles, com a habitual confiança. Pensando em tudo isso, acorremos nesse momento visando atrair a misericórdia divina e encontrar graça e auxílio oportuno.

Aprovastes minhas palavras. Acolhestes essa exortação com ruidosos aplausos. Mas, a fim de manifestardes aprovação por meio de atos, não havemos de esperar muito tal prova de vossa obediência. Pois à exortação sucede imediatamente a oração. Eis a aprovação, e os aplausos que procuro; os dos próprios atos. Incitai-vos, pois, mutuamente, a ficar no lugar em que estais, e se um dentre vós faz um movimento de se retirar, procurai retê-lo. Assim, recebendo a dupla recompensa do próprio zelo e da solicitude para com os irmãos, expandis vossas súplicas com maior confiança e, tornando Deus propício, podereis obter os bens presentes e os futuros, pela graça e amor de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual seja dada glória nos séculos dos séculos. Amém.

[1](#) Cf. 1Cor 3,6.

[2](#) Cf. 1Cor 3,6.

[3](#) Eclo 27,25.

[4](#) 1Tm 6,15-16.

[5](#) Pr 10,7.

[6](#) Gl 1,3-5.

[7](#) 1Tm 1,17.

[8](#) Rm 9,3-5.

[9](#) Jo 5,23.

[10](#) Is 6,1-2.

[11](#) Dn 10,5-8.

[12](#) Dn 10,11.

[13](#) Dn 10,12.

[14](#) Dn 10,16-17.

[15](#) Ez 1,3.

[16](#) Dn 10,4.

[17](#) Cf. Ez 1,4-28.

[18](#) Ez 1,28.

[19](#) At 6,4.

[20](#) 2Cor 1,10-11.

[21](#) At 12,5.

[22](#) Jn 4,10-11.

QUARTA HOMILIA

Poderíamos nos contentar em ter recentemente demonstrado que Deus é incompreensível aos homens e até mesmo aos Querubins e Serafins, dando por terminada nossa tarefa, e nada mais nos restaria a explicar. Porém, como nossos desejos e esforços se concentram não tanto em fechar a boca de nossos opositores, quanto em instruir cada vez mais Vossa Caridade, voltamos hoje ainda ao mesmo assunto e levamos mais adiante a exposição. O tempo que nisso gastarmos aumentará vossos conhecimentos e tornará nossa vitória mais brilhante, limpando o terreno de quaisquer objeções ainda restantes. Não é necessário somente cortar as más ervas por cima – brotariam novamente das raízes escondidas na terra –, como também arrancá-las das entranhas e do seio da terra para expô-las descobertas ao calor dos raios solares, a fim de murcharem rapidamente.

Vamos. Esforcemo-nos ainda uma vez por vos transportar pela palavra ao céu, porém, não no intuito de ali nos intrometermos em inútil e indiscreta curiosidade, mas por termos pressa em eliminar as objeções inoportunas dos que, ignorantes do que são, não aceitam os limites da natureza humana. Por isso, mostramos amplamente que não somente uma aparição de Deus, mas até mesmo a dos anjos foi insuportável ao justo cuja história inteira mencionamos; continuamente mostramos o bem-aventurado Daniel pálido, trêmulo, semelhante a um moribundo, cuja alma procurava romper os liames da carne. Da mesma forma que uma pomba domesticada e mansa que mora num pombal, ao ser assustada, voa de repente intimidada para o teto e procura uma saída pelas janelas, querendo livrar-se de sua angústia, igualmente a alma deste bem-aventurado aspirava voar para fora do corpo e apressava-se para o exterior; teria certamente voado e escapado, abandonando o corpo a si mesmo, se o anjo não tivesse imediatamente se antecipado e não a libertasse da angústia, reconduzindo-a à própria morada.

Dizíamos tudo isso a fim de que eles, tendo compreendido a diferença entre o anjo e o homem, e esclarecidos sobre a eminente dignidade deste confrade, se libertassem da loucura que os contrapunha ao Senhor. Esse justo não pôde suportar a vista de um anjo, embora fosse dotado de tão grande confiança, ao passo que eles, de tal modo afastados da virtude daquele, pretendem examinar curiosamente não um anjo, mas o próprio Senhor dos anjos! Daniel domou o furor de leões, enquanto nós não somos capazes de vencer nem raposas; ele fez um dragão arrebentar-se,¹ dominou a natureza deste monstro, pela confiança em Deus, ao passo que nós temos medo de simples répteis; ele deteve o furor de um rei, desencadeado como o de um leão e, quando a cólera de Nabucodonosor irrompia com maior violência que uma torrente de chamas contra os exércitos bárbaros, ele, interpondo-se, conteve-a e transformou as trevas em luz. Ora, aquele que produzira esta luz, diante do anjo que deles se aproximava, foi tomado de molestas vertigens. Qual será, então, a excusa dos que empreendem penetrar naquela bem-aventurada natureza?

Mas não interrompemos neste ponto nosso discurso. Fizemos o assunto elevar-se às virtudes cheias de sabedoria. Nós as mostramos desviando o olhar, estendendo as asas sobre o rosto, eretas, com

clamores incessantes, essas virtudes incorpóreas revelando de modo geral espanto e tremor. Na medida em que são sábias e estão mais próximas da inefável e bem-aventurada essência, sabem melhor do que nós quão incompreensível ela é. Pois a sabedoria, à medida que cresce, faz aumentar o respeito.

Dissemos o que representa ser inacessível; é mais abrangente do que ser incompreensível. E qual a razão disso, a saber, o que é incompreensível revela-se como tal após ser examinado, enquanto o inacessível recusa pesquisa, até mesmo a tentativa de aproximação. Recorremos então à comparação do alto-mar. Paulo, acrescentamos, não disse que Deus é uma luz inacessível, e sim que “habita uma luz inacessível”; se a moradia já é inacessível, o que não será Deus que a habita! Ao se exprimir assim, Paulo não circunscreve a Deus em determinado lugar, mas destaca evidentemente o quanto é inconcebível e inacessível.

Aludimos igualmente a outras virtudes, os Querubins, e assinalamos acima deles uma espécie de abóbada, uma pedra de cristal, a aparência de um trono e uma forma humana, um metal brilhante, um fogo, um arco-íris e como, depois disso tudo, o profeta dizia: “Tal era o aspecto da semelhança da glória do Senhor”.² Por meio de todas essas explicações, evidenciávamos a condescendência de Deus, que, no entanto, ainda é intolerável até às virtudes superiores.

Não é sem razão que recapitulo tudo isso. Mas, como tenho uma dívida para convosco, isto é, minha promessa, quero ter certeza do que já paguei e o restante a saldar. Assim procedem os devedores a crédito. Trazem o registro que encerra a conta e, depois de mostrá-lo aos credores, pagam o que ainda devem. Eu também, tendo folheado o livro, isto é, as lembranças gravadas em vosso espírito enquanto falo, mostro-vos de certo modo com o dedo o que já paguei, antes de prosseguir relativamente ao restante da dívida.

O que falta indicar? Que não existe Principados, nem Virtudes, nem Dominações, nem qualquer virtude criada que possua compreensão completa de Deus. Existem, efetivamente, outras virtudes, das quais até os nomes desconhecemos. Notemos a insensatez dos hereges: nós não conhecemos nem mesmo os nomes dos servos, e eles pretendem perscrutar até a essência do senhor! De fato, existem Anjos, Arcanjos, Tronos, Dominações, Principados, Potestades, mas não são os únicos povos que habitam os céus. Lá existe ainda um número indefinido de nações e tribos inúmeras, impossível de exprimir por palavras. E como estamos cientes de que até a maioria das virtudes nos é anônima? É Paulo quem nos informa, ao se referir a Cristo, nesses termos: “Fazendo-o assentar muito acima de qualquer Principado e Potestade e Virtude, de todo ser que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.³ Vede que existe lá em cima nomes, agora ignorados, que serão conhecidos mais tarde. Por este motivo, ele declarou: “todo ser que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.

E seria espantoso que essas virtudes não possam compreender inteiramente a essência divina? É fácil comprová-lo. Pois, muitos dos desígnios de Deus são ignorados pelas virtudes do alto, os Principados, as Potestades e as Dominações. Recorrendo ainda às palavras do Apóstolo, demonstraremos ter sido simultaneamente conosco que as virtudes tiveram conhecimento de certos desígnios, antes de nós por elas ignorados. Ou, antes, não apenas entenderam simultaneamente

conosco, porém ainda por nosso intermédio: “Às gerações e aos homens do passado ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas: os gentios são co-herdeiros com os judeus, membros do mesmo corpo e co-participantes das promessas – que haviam sido feitas aos judeus –, por meio do evangelho. Desse evangelho eu, Paulo, me tornei ministro”.⁴ E como sabemos que nessa ocasião as virtudes do alto ficaram cientes disso? As palavras mencionadas referiam-se aos homens. Escuta, então, como continua: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo”.⁵ O que significa a palavra: “insondável”? Algo que não é possível investigar. Não apenas: que não se pode encontrar, mas ainda: de que nem mesmo os vestígios podem ser descobertos. Ouçam eles novamente como são firmes e incessantes os projéteis que Paulo lhes lança. Pois se a riqueza é insondável, como não o seria aquele que a concedeu? “...e de revelar a todos os homens a dispensação do mistério oculto em Deus, para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus”.⁶ É então somente, e não antes, que essas virtudes o souberam. Um escudeiro não conhece os projetos do rei. “Para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus.” Vede a honra prestada à natureza humana. É conosco e por meio de nós que as virtudes do alto são informadas acerca dos segredos do rei.

Mas, como sabemos que se trata aqui precisamente das virtudes celestes? Pois Paulo pôde dar esses nomes de Principados e Potestades também aos demônios, quando declarou: “Pois nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo e deste século de trevas”.⁷ Acaso está dizendo que foram os demônios então informados? Certamente não. Refere-se na verdade às virtudes superiores, porque, depois de ter nomeado “os Principados e as Potestades”, prossegue: “que povoam as regiões celestiais”. Esses Principados e essas Potestades são as do céu, enquanto as outras permanecem embaixo, e por isso ele as denomina “Dominadores deste mundo”, a fim de mostrar que o céu é inacessível para aqueles que manifestam seu poder só no mundo atual.

Viste como as virtudes superiores foram informadas conosco e por meio de nós? Entretanto, empreguemos o restante do discurso para saldar nossa dívida, demonstrando que nem os Principados nem as Potestades conhecem a essência de Deus. Quem, pois, o garante? Não é mais Paulo, nem Isaías, nem Ezequiel, mas outro vaso de santidade,⁸ o próprio *filho do trovão*,⁹ o bem-amado de Cristo, João, que se reclinou sobre o peito do Senhor¹⁰ e bebeu diretamente da fonte divina.¹¹ Que diz ele, pois? “Ninguém jamais viu a Deus”.¹² Realmente é *filho do trovão*, porque emite uma voz mais forte que o som da trombeta, capaz de confundir todos os contraditores.

Vejamos suas objeções. O que afirmas, ó João? Dize-me. “Ninguém jamais viu a Deus.” O que faremos dos profetas que asseguram ter visto a Deus? Isaías declara: “Vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado”.¹³ E Daniel: “Eu continuava contemplando quando foram preparados alguns tronos e o Ancião dos Dias sentou-se”.¹⁴ Miquéias, porém: “Eu vi o Senhor, o Deus de Israel, sentado sobre seu trono”.¹⁵ E outro profeta ainda: “Vi o Senhor que estava de pé sobre o altar do sacrifício e

ele disse: ‘Bate no propiciatório’ ”. ¹⁶ Seria possível aduzir muito de tais testemunhos. Como, então, pôde João afirmar: “Ninguém jamais viu a Deus”? Fica sabendo que ele fala com cuidadoso entendimento e conhecimento apurado a respeito de Deus. Pode-se deduzir da diversidade entre as visões de cada um que estas provinham da condescendência divina, e que nenhum dos profetas viu sua essência integralmente. Na realidade, Deus é simples, sem composição, nem figura; no entanto, todos esses profetas perceberam-no em diferentes aspectos.

Além disso, ele bem o manifesta pela boca de outro profeta e prova a eles que não viram sua própria essência, nesses termos: “Multiplicarei as visões e por meio dos profetas falarei em parábolas”. ¹⁷ Quer dizer, não lhes manifestei minha própria essência: adaptei-me por condescendência à fraqueza de seu olhar. Não foi somente dos homens que disse João: “Ninguém jamais viu a Deus”, princípio que resulta certo e indiscutível também das palavras do profeta que acabo de citar: “Multiplicarei as visões e por meio dos profetas falarei em parábolas”, e duma declaração feita a Moisés – como este desejava vê-lo com os próprios olhos, Deus lhe disse: “O homem não pode me ver e continuar vivendo”. ¹⁸

Eis, então, um ponto certo e bem estabelecido: não foi apenas sobre a raça humana, mas também a respeito de todas as virtudes do alto que João disse: “Ninguém jamais viu a Deus”. Por isso, mostra-se que do Unigênito aprendeu esta verdade. Para evitar que se diga: como o podemos saber? – ele acrescenta: “O Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”; ¹⁹ por conseguinte, introduz-nos testemunha e mestre fidedigno desta verdade. Se tivesse querido nos ensinar o mesmo que Moisés, teria sido supérfluo acrescentar que o Unigênito no-lo declarara; pois então não seria: “O Unigênito” que “o deu a conhecer”, mas bem antes que João o teria afirmado, após ouvi-lo do Unigênito, seria o profeta que o teria declarado, conforme ouvira de Deus. Como, porém, ele queria fazer-nos uma revelação mais extensa que a precedente, isto é, que mesmo as virtudes superiores não vêem a Deus, por isso acrescenta ter sido ensinada esta verdade pelo Unigênito.

Deves entender que visão aqui consiste no conhecimento. Efetivamente, as virtudes incorpóreas não têm pupilas, olhos, pálpebras; o que para nós é visão, nelas é conhecimento. Por esta razão, ao ouvires dizer que “ninguém jamais viu a Deus”, pondera que ninguém jamais conheceu a Deus em sua essência com inteira exatidão. E ao ouvires dizer que os Serafins desviam os olhos e protegem o rosto, e que os Querubins agem de idêntico modo, não julgues que tenham olhos e pupilas, características corporais; acredita que o profeta quer designar sua inteligência. Se, portanto, assegura o profeta que eles não podem sustentar a visão de Deus, mesmo em sua condescendência, não afirma outra coisa senão que eles não suportam o conhecimento acurado, perfeito e compreensivo, e não ousam olhar fixamente sua essência tal qual é em sua integridade e incolumidade, mesmo ao usar de condescendência. E “olhar fixamente” aqui significa conhecer.

Por esse motivo, igualmente o evangelista, ciente de ser a natureza humana incapaz de tal ciência e de ser Deus incompreensível também às virtudes do alto, oferece-nos por mestre desta verdade aquele mesmo que está sentado à direita de Deus, perfeito conhecedor da questão. Ele não diz simplesmente “o Filho”, embora só este nome bastasse para fechar a boca dos impudentes. Da mesma forma que se pode falar de vários cristos, ²⁰ mas, de fato, existe um só Cristo, ou de vários senhores quando existe

realmente um só, de vários deuses e entretanto há um só Deus; assim pode-se falar de vários filhos, mas o Filho é único e a adição do artigo é suficiente para sublinhar a excelência do Unigênito. Ele, contudo, não se contentou com isso, mas, depois de ter dito: “Ninguém jamais viu a Deus”, acrescentou: “O Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”. Disse primeiro: “Unigênito”, depois: “Filho”; efetivamente, como vários mutilam sua glória porque este nome é muito comum e consideram-no um filho entre muitos outros – sendo o nome de filho comum a todos –, ele colocou primeiro o que exprime sua excelência, é-lhe peculiar e não convém a nenhum outro, a saber, o “Unigênito”, a fim de compreenderes que este nome comum não o é na realidade, porém é-lhe peculiar, pertence-lhe propriamente e não convém a nenhum outro da mesma forma que a ele.

Para tornar mais claro o que quero dizer, darei explicações mais amplas. O nome *filho* é atribuído aos homens e é atribuído ao Cristo, mas, enquanto a ele pertence no sentido próprio, não se aplica a nós senão em sentido lato; quanto à expressão *Unigênito*, é exclusivamente dele e não cabe, nem em sentido impróprio, a nenhum outro. A fim de que, portanto, esse nome que não compete senão a ele, exclusivamente, fizesse entender-te que a outra designação, embora atribuída a muitos, é-lhe própria, João falou primeiro do Unigênito, depois do Filho. E se não bastasse, prossegue ele, acrescentarei outra indicação, contudo pesada e muito humana, contudo, capaz de levar os espíritos mais rasteiros a uma noção da glória do Unigênito. Qual é? “Aquele que está no seio do Pai.” Expressão pesada, porém, capaz de comprovar a filiação legítima, se a tomarmos numa acepção digna de Deus. Da mesma forma que, se ouves falar de um trono e duma cátedra à direita, não imaginas um trono material em lugar delimitado, e sim que essas locuções de trono e de associação numa cátedra exprimem semelhança e igualdade de glória, do mesmo modo, ao ouvires falar de seio, não penses que se trata de um seio carnal que se encontra em tal ou tal lugar, mas entende que essa palavra exprime a proximidade e a confiança do Filho para com Aquele que o gerou. Com efeito, entre estar o Filho sentado à direita do Pai e estar em seu seio, é esta expressão que nos revela e representa com maior clareza sua proximidade relativamente Àquele que o gerou. Pois o Pai não toleraria ter o Filho no seio se este não tivesse sua própria essência, e igualmente o Filho, se fosse de natureza inferior, não poderia ficar no seio paterno.

Por conseguinte, sendo Filho, Unigênito e habitando no seio do Pai, conhece perfeitamente todos os segredos do Pai. Foi por isso que o evangelista recorreu a estas expressões, para que entendas o conhecimento perfeito que o Filho tem do Pai. De fato, trata-se de conhecimento; se assim não fosse, por que falaria de seio? Se Deus não tem corpo – e de fato, não tem – e se não se trata de expor a filiação e a proximidade do Filho relativamente Àquele que o gerou, a palavra foi empregada inútil e ocasionalmente; não nos traria proveito. Ora, ela não foi usada fortuitamente. Deus não o permita! Porque o Espírito nada profere ao acaso; ela expressa, portanto, a proximidade do Filho relativamente ao Pai. O evangelista, tendo feito esta importante declaração, de que nem mesmo as criaturas celestes vêem a Deus, isto é, não o conhecem perfeitamente, e querendo fornecer seguro transmissor dessa verdade, expressou-se deste modo, a fim de confiáres inteiramente no Filho, o Unigênito, aquele que permanece no seio do Pai e doravante não tenhas dúvida alguma. Se quiser alguém renunciar à contradição e à oposição impudente, digo que esse texto exprime a duração da eternidade. De fato, como da palavrada a Moisés: “Eu sou aquele que é”²¹ deduzimos a eternidade de Deus; e também

desta palavra: “aquele que está no seio do Pai”, é possível concluir que o Filho está desde toda eternidade no seio do Pai.

Tudo o que acabamos de dizer comprova ser a essência de Deus incompreensível para qualquer criatura. Resta apenas provar que somente o Filho e o Espírito Santo conhecem a Deus de modo inteiramente perfeito. Porém, reservemos este ponto para outro sermão, a fim de não sobrecarregar vossa memória com a abundância dos assuntos, e dirijamos agora nossas palavras à habitual exortação.

Qual é, então, minha exortação habitual? Que vos entreguem assiduamente à oração com espírito sóbrio e alma vigilante. Ultimamente nós vos entretivemos sobre esta questão, e verifiquei que obedestes prontamente a meus desejos. Ora, seria absurdo que, depois de vos ter repreendido por causa do relaxamento, não vos louve quando melhorais de conduta. Quero, pois, louvar-vos hoje e agradecer-vos pela obediência. Agradecerei, ensinando-vos por que esta oração deve ser feita antes das outras e por que o diácono ordena neste momento que entrem os possessos e os doentes de insânia pernicioso e inclinem a cabeça. Por que age deste modo? O motivo é que a influência dos demônios é cadeia pernicioso e insuportável, cadeia mais sólida que o ferro. Pois, da mesma forma que ao aparecer o juiz em público e tomar assento no tribunal, os guardas da prisão tiram do cárcere todos os prisioneiros e levam-nos às grades e cortinas do tribunal, sujos, sórdidos, desgrenhados, maltrapilhos, assim também nossos Padres determinaram que, no momento em que Cristo vem se sentar, por assim dizer, no tribunal e manifestar-se em seus próprios mistérios, os possessos devem ser introduzidos, como prisioneiros, não para prestar contas do que cometeram, como aqueles cativos, nem para sofrer a pena e o castigo, mas para que todo o povo, toda a cidade congregada eleve em sua intenção súplicas comuns, todos com um só coração supliquem em seu favor ao único Senhor e implorem piedade com fortes clamores.

Censurávamos então aos que abandonavam esta oração e neste momento iam para fora; agora quero repreender os que ficam dentro, não certamente porque ficam, mas porque, embora permaneçam, não se comportam melhor do que aqueles que saem, enquanto num momento tão terrível conversam entre si.

Que fazes tu, ó homem? Vês esta multidão de cativos dentre teus irmãos de pé perto de ti, e tu conversas sobre negócios que não lhes interessa absolutamente! Este espetáculo por si só não é, portanto, capaz de te abalar e despertar tua compaixão? Teu irmão em cadeias e tu te despreocupas? Que indulgência encontrarás, responde-me, se te mostras a tal ponto sem compaixão, desumano e cruel? Não temes que, enquanto conversas e te entregas à leviandade e à indiferença, um demônio escape de uma dessas almas e, encontrando a tua desocupada e varrida, não venha se instalar facilmente nela como numa casa sem porta?

Não conviria que então todos juntos dêem curso às lágrimas, que se vejam todos os olhos banhados de lágrimas, que lamentações e gemidos se elevem de toda a assembléia reunida? Após a participação nos mistérios, após o benefício do batismo, após a agregação a Cristo, pôde aquele lobo arrancar do redil essas ovelhas, e retê-las junto de si e tu, a vista de tal infelicidade, não derramas uma lágrima? Como desculpar tal atitude? Recusas condoer-te da infelicidade de teu irmão? Então, ao menos, receia por ti mesmo e desperta em teu próprio interesse! Se vês a casa do vizinho em chamas, dize-me, não

acores para extinguir o fogo, mesmo se teu vizinho é teu pior inimigo, de medo que o incêndio se alastre até a porta de tua própria casa? Raciocina, portanto, do mesmo modo a respeito dos possessos, pois é realmente um incêndio e um abrasamento terrível a possessão de demônios. Cuida de que o maligno em sua caminhada não se aposse de tua alma e, desde que constatas sua presença, refugia-te apressadamente junto do Senhor a fim de que o demônio, vendo tua alma fervorosa e vigilante, teu espírito para ele sempre seja tido por inacessível. Se te vê divertindo-te e descuidado, depressa entrará em ti como numa cabana abandonada; ao invés, se te notar atento, vigilante e diretamente elevado ao céu, de resto jamais ousará olhar-te de frente. Assim, mesmo se tu menosprezas teus irmãos, ao menos cuida de ti mesmo e fecha a entrada de tua alma ao demônio maligno.

Ora, para entricheirar-nos contra seu ataque, não existe habitualmente melhor refúgio que a oração e a súplica contínuas. De fato, a exortação dirigida a todos pelo diácono: “De pé, bem eretos”, não foi estabelecida ao acaso e em vão, e sim para elevarmos nossos pensamentos rastejantes e, eliminando o enervamento ocasionado pelos negócios da vida cotidiana, possamos nos apresentar com espírito reto diante de Deus. A fim de ver que isso é verdade e que tais palavras não se referem ao corpo, mas à alma, e nos convidam a reerguê-la, escutemos como Paulo emprega a mesma expressão de forma idêntica. Ao escrever a homens abatidos, aos quais o assalto das tribulações faziam perder a coragem, ele dizia: “Reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos”.²² O que poderíamos dizer? Falaria de mãos e joelhos do corpo? De forma alguma, pois não está se dirigindo a corredores ou lutadores; exorta, a fim de reanimar por tais palavras a força interior das almas abatidas por causa das provações.

Pensa ao lado de quem te encontras, em companhia de quem estás para invocar a Deus. Em companhia dos Querubins! Considera aqueles que formam um coro contigo, e bastará para te empenhar na vigilância quando perceberes que, apesar de revestido de corpo e ligado à carne, foste julgado digno de cantar, unido às virtudes incorpóreas, ao Senhor comum de todos. Ninguém, portanto, tome parte nesses hinos sagrados e místicos com fervor diminuído; ninguém neste momento conserve o pensamento voltado para a vida material, mas cada um, afastando do espírito qualquer idéia terrestre, transporte-se inteiramente para o céu, como se estivesse ali voando ao lado do trono de glória em companhia de Serafins, e dirigindo assim o hino santíssimo ao Deus glorioso e magnífico.

Eis por que nos é ordenado permanecermos firmes naquele momento. Permanecer firmes outra coisa não é senão manter-se como convém ao homem na presença de Deus, “com temor e tremor”,²³ com alma vigilante e atenta. Outra palavra de Paulo nos mostra igualmente que a expressão é relativa à alma, nesses termos: “Permaneço firmes no Senhor, ó amados”.²⁴ Da mesma forma que o arqueiro, quando quer alcançar o alvo com suas flechas, em primeiro lugar cuida da própria posição e não começa a lançá-las senão depois de se ter colocado exatamente defronte o alvo, se tu queres atingir com tuas setas a cabeça maldita do demônio cuida em primeiro lugar da disposição de teus pensamentos, a fim de que, após ter assegurado uma atitude firme e adequada, possas expedir as flechas de cheio contra o inimigo.

Aí está o que se refere à oração. Porém, desde que, além da negligência nas orações, o diabo imaginou outro meio de preencher de desalento, é preciso opor também contra esse defesa que lhe

impeça o acesso. O que urdiu, pois, o demônio maligno?

Vendo-vos congregados como num só corpo e inteiramente atentos a nossas palavras, não ousou enviar alguns de seus servos a fim de vos distrair na escuta, por meio de conselhos e exortações, certo de que nenhum de vós os acolheria com tais conselhos; colocou de mistura, contudo, no meio do povo, ladrões e cortadores de bolsas que tiraram mais de uma vez a vários dos presentes, aqui reunidos, o ouro que traziam consigo. E isso aconteceu aqui mesmo, freqüentemente e a muitos. No intuito de que isso não suceda mais e vosso desejo de nos ouvir não venha a se extinguir com o correr do tempo devido às perdas de dinheiro, se um grande número dentre vós as sofressem, peço e exorto a todos que não tragam ouro consigo ao entrar aqui. Vosso ardor em escutar não se torne para eles oportunidade de crime, e o prazer que sentis nas reuniões aqui não se dissipe pelo roubo do que vos pertence.

Com efeito, o diabo não tramou este plano para vos empobrecer, mas para que a perda dos bens e o intenso desgosto que vos causa retire a disposição de ouvir. Foi assim que despojou Jó de todas as suas riquezas, não para empobrecê-lo, mas para despojá-lo da piedade. Pois o fim que ele se propõe não é arrebatrar riquezas – ele sabe que isso nada vale –, mas sim que, roubando-as, induza a alma ao pecado e, se não o conseguir, julgará nada ter alcançado.

Ciente do projeto dele, caríssimo, quando te for subtraído o ouro, seja por meio de ladrões, seja por outro meio qualquer, glorifica o Senhor. Ser-te-á muito proveitoso, pois assim infligirás duplo golpe ao inimigo, de um lado evitando a cólera e, de outro, dando graças. Se ele verifica que este prejuízo pecuniário te abate e te leva a irritar-te contra o Senhor, não desistirá de provocá-lo, mas se perceber que, longe de blasfemar contra Deus teu Criador, dá-lhe graças em cada tribulação que te advém, cessará de ocasionar-te provações, vendo que a adversidade experimentada proporciona motivo de ação de graças e assim te assegura coroas mais brilhantes e prêmios mais numerosos. Foi, aliás, o que sucedeu a Jó. Após ter o diabo privado-o das riquezas e ferido seu corpo, ao verificar que ele dava graças, não ousou prosseguir nos ataques e, submetido a uma derrota vergonhosa e irremissível, afastou-se, pois conseguiu apenas realçar o esplendor do atleta de Deus.

Uma vez que isso nos é notório, não temamos senão uma só coisa, o pecado, e suportemos corajosamente o restante: perda de bens, doença corporal, circunstâncias difíceis, injustiça, calúnia, ou qualquer outro evento infeliz, pois tudo isso, por sua própria natureza, não somente não nos prejudicará, como possivelmente nos será em extremo útil, se o suportarmos com ações de graças, porque nos obterá maiores recompensas. Vede que Jó, após ter cingido todas as coroas da paciência e da coragem, recuperou o dobro de tudo que perdera. E tu, não é apenas o dobro ou triplo das perdas que hás de readquirir, mais o cêntuplo, se tudo suportares generosamente, e receberás em herança a vida eterna. Alcancemos esses bens todos nós, pela graça e pelo amor de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam dados poder e glória, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

¹ Cf. Dn 6,17-24.

² Ez 1,28.

³ Ef 1,21.

⁴ Ef 3,5-7.

⁵ Ef 3,8.

⁶ Ef 3,9-10.

⁷ Ef 6,12.

⁸ Cf. At 9,15.

⁹ Mc 3,17.

- [10](#) Jo 21,20.
- [11](#) Jo 7,38-39.
- [12](#) Jo 1,18.
- [13](#) Is 6,1.
- [14](#) Dn 7,9.
- [15](#) 1Rs 22,19.
- [16](#) Am 9,1.
- [17](#) Os 12,11.
- [18](#) Ex 33,20.
- [19](#) Jo 1,18.
- [20](#) Cf. 1Cor 5,6.
- [21](#) Ex 3,14.
- [22](#) Hb 12,12.
- [23](#) Fl 2,12.
- [24](#) Fl 4,1.

QUINTA HOMILIA

Se alguém se dispuser a tratar de assunto muito importante que reclame vários discursos e não o pode tratar a fundo num dia nem em dois ou três, pois há de gastar muito mais tempo para esgotá-lo, a meu ver, não deve transmitir de modo global e de uma só vez ao espírito dos ouvintes o que quer ensinar. Convém, ao invés, dividir o assunto em várias partes e tornar o fardo do discurso assim distribuído mais leve e mais fácil de se levantar.

De fato, a língua, o ouvido e cada um de nossos sentidos tem medida, regra, confins precisos, e quem talvez forçar esses limites excederá os limites e a energia disponíveis. O que há de mais suave, dize-me, que a luz? O que há de mais aprazível que os raios do sol? Entretanto, se os olhos forem expostos sem comedimento a tal suavidade e prazer, hão de transformar-se em ônus e sofrimento. Assim também Deus estabeleceu que ao dia suceda a noite, a qual cuida dos olhos fatigados, distendendo as pálpebras, repousando as pupilas, diminuindo o cansaço da vista, de modo a torná-la mais apta a contemplar o dia seguinte. Por isso, a vigília e o sono, embora opostos entre si, tornam-se muito agradáveis quando se alternam, e se afirmamos que a luz é suave, declaramos agradável o sono, o qual, porém, nos retira da luz.

Por conseguinte, a falta de medida é sempre pesada e onerosa, como a justa medida é aprazível, útil e salutar. Por isso, nós também, que há quatro ou cinco dias estamos vos falando sobre o Deus Incompreensível, e não tencionamos ainda terminar hoje, queremos somente apresentar a questão à Vossa Caridade em justa medida, e deixar em seguida vosso espírito novamente descansar.

Em que ponto da homilia nos detivemos ultimamente? É forçoso que retomemos deste ponto, porque existe certa seqüência lógica na doutrina. Relembrávamos a palavra do Filho do trovão: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”.¹ Hoje é preciso que saibamos em que lugar o Filho único de Deus o ensinou. Refere João: “Jesus respondeu aos judeus: ‘Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai’ ”.² Ver, aqui, é tomado no sentido de *conhecer*.

E ele não assegurou simplesmente: “ninguém conhece o Pai” e em seguida calou-se, porque desse modo poder-se-ia acreditar que não se trata senão dos homens, mas, querendo mostrar que nem os anjos, nem os arcanjos, nem as virtudes do alto o conhecem, manifestou-o claramente nas palavras subseqüentes. Com efeito, depois de ter dito: “não que alguém tenha visto o Pai”, acrescentou: “só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”. Se houvesse dito apenas: “ninguém”, muitos dos que ouviam essas palavras poderiam ter acreditado talvez que tais palavras se referiam apenas ao gênero humano; contudo, ao declarar: “ninguém”, acrescentando: “senão o Filho”, ao citar o Unigênito, exclui todos os seres criados. Então, objeta-se, exclui igualmente o Espírito Santo? Absolutamente não, pois este não pertence à criação. Ora, esta palavra “ninguém” emprega-se sempre por oposição, relativamente apenas às criaturas. Assim, quando se refere ao Pai, não exclui o Filho e, quando se refere ao Filho, não separa o Espírito.

Evidenciando desde agora que a palavra “ninguém” não é proferida na intenção de excluir o Espírito, mas somente em contraste com as criaturas, no tocante a este conhecimento que a Escritura atribui somente ao Filho, ouçamos as palavras que Paulo dirigia aos coríntios. Quais? “Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus ninguém o conhece, senão o Espírito de Deus”.³ Por conseguinte, da mesma forma que aqui a palavra “ninguém” não exclui o Filho, quando é usada a respeito de Cristo, não exclui o Espírito Santo. Assim fica provada a veracidade de nossa asserção. Pois se, ao dizer: “Não que alguém tenha visto a Deus; só aquele que vem de junto de Deus”, ele tenha querido excluir o Espírito, seria estranho que Paulo possa dizer que o Espírito Santo, de igual modo como o homem, sabe o que há em si, conhece com exatidão o que é de Deus.

De igual forma é que se usa a expressão: “um só”, porque tem idêntica força e vigor. Considera o seguinte: “Existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe”.⁴ Se o fato de dizer que há um só Deus, o Pai, apartasse o Filho da divindade, o fato de afirmar a existência de um só Senhor, o Filho, excluiria o Pai do senhorio; mas, efetivamente, o Pai não é de forma alguma excluído do senhorio por esta afirmação de que “existe um só Senhor, Jesus Cristo”. Em conseqüência, o Filho não é de modo algum excluído da divindade por esta afirmação de que existe um único Deus, o Pai.

Se alguém retrucar que o Pai é denominado o único Deus porque, se o Filho também é Deus, não o é como o Pai, dessas premissas se deduziria que o Filho – não somos nós que o dizemos! – foi denominado Senhor porque, se o Pai também é Senhor, não o é como o Filho. Mas, se esta última asserção é ímpia, a precedente não tem razão de ser. Da mesma forma que as palavras: “um só Senhor” não excluem o Pai do senhorio perfeito e deste não investem apenas o Filho, igualmente a expressão: “um só Deus” não aparta o Filho da verdadeira e autêntica divindade, atribuindo-a exclusivamente ao Pai.

De fato, evidencia-se que o Filho é Deus, e Deus tal como o Pai, continuando a ser o Filho, da adição da palavra Pai. Se o nome de Deus pertencesse apenas ao Pai e não pudesse designar outra hipóstase a não ser a hipóstase primeira e ingênita, à qual somente ela conviria como nome próprio e peculiar, então o acréscimo da palavra Pai seria supérfluo; bastaria dizer que é “o único Deus” e saberíamos de quem se trata. Porém, de fato, o nome de Deus é comum ao Pai e ao Filho, e ao dizer “um só Deus”, Paulo não especificava de quem falava; foi-lhe necessário, por este motivo, aditar a palavra Pai, a fim de precisar a referência à hipóstase primeira e ingênita, uma vez que a palavra Deus, pertencente em comum a ela e ao Filho, não bastava para designá-la.

Com efeito, entre esses nomes, alguns são comuns e outros são próprios. Os primeiros destacam a identidade da essência e os segundos, a propriedade das hipóstases. Então, “Pai” e “Filho” são nomes próprios dessas duas hipóstases, enquanto “Deus” e “Senhor” são nomes comuns. Tendo, portanto, empregado um nome comum, dizendo “um só Deus”, Paulo precisou acrescentar o nome próprio, a fim de se saber de quem falava, e não reincidir no erro insensato de Sabélio.

Aliás, a palavra Deus não tem significado mais importante que a palavra Senhor, e a palavra Senhor não tem sentido menos importante que o termo Deus. Comprovo. Em todo o Antigo Testamento, o Pai

é continuamente chamado de Senhor: “o Senhor teu Deus”, quer dizer, “o Senhor é o único”;⁵ depois: “É ao Senhor teu Deus que adorarás, e a ele servirás”;⁶ em seguida: “Nosso Senhor é grande e onipotente e sua inteligência é incalculável”;⁷ e ainda: “Saberão assim que só tu tens o nome de Senhor, o altíssimo sobre a terra inteira”.⁸ Se este nome fosse inferior ao de Deus, e se fosse indigno de sua essência, não se deveria dizer: “Saberão assim que só tu tens o nome de Senhor”. Igualmente, se *Deus* fosse termo maior e mais honroso do que *Senhor*, não deveria ser atribuído ao Filho, que segundo eles é inferior ao Pai, nome adequado ao Pai e propriamente apenas seu. Mas, certamente não é assim. Na verdade, o Filho não é inferior ao Pai, e o nome de Senhor equivale ao de Deus. Por isso, a Escritura aplica indiferentemente os dois apelativos ao Pai e ao Filho.

Ouvistes que o Pai é denominado Senhor; vamos agora demonstrar que também o Filho é denominado Deus. “Eis que a Virgem concebeu e dará à luz um filho e porá nele o nome de Emanuel, que significa: Deus-conosco”.⁹ Vês como o nome de Senhor é aplicado ao Pai, e o de Deus ao Filho? Do mesmo modo, na Escritura: “Que se saiba que teu nome é Senhor”, lê-se também: “Porá nele o nome de Emanuel”. E ainda: “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado e seu nome será: Anjo do Grande Conselho, Deus forte, poderoso”.¹⁰ Observa, por favor, o entendimento dos profetas e sua sabedoria espiritual; a fim de evitar que, ao dizerem simplesmente “Deus”, acredite-se que falam do Pai, começam a evocar a Encarnação, pois o Pai não nasceu numa Virgem e jamais foi criança.

Outro profeta fala nesses termos: “É ele o nosso Deus e nenhum outro se contará ao lado dele”.¹¹ De quem diz isso? Do Pai? De forma alguma. Escuta-o a evocar a Encarnação. Depois de ter dito: “É ele o nosso Deus e nenhum outro se contará ao lado dele”, acrescenta: “Foi ele que descobriu todo o caminho da ciência e o deu a conhecer a Jacó, seu servo, e a Israel, seu bem-amado. Depois disso ele apareceu sobre a terra e no meio dos homens conviveu”.¹² Paulo, por sua vez, diz: “Dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos. Amém”.¹³ E noutra passagem: “Nenhum impuro ou avarento tem herança no reino de Cristo e de Deus”.¹⁴ Noutro trecho fala da “aparição de nosso grande Deus e Salvador, o Cristo Jesus”.¹⁵ E João dá-lhe o mesmo nome quando diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.¹⁶

Sim, dirão, agora mostra-nos uma passagem da Escritura que, mencionando o Pai com o Filho, dê ao Pai o título de Senhor. Não apenas hei de demonstrá-lo, como hei de provar também que ela chama o Pai de Senhor e o Filho de Senhor, e chama o Pai de Deus e o Filho de Deus, reunindo cada vez essas denominações num mesmo trecho. Onde encontrar isso? Ao se entreter um dia com os judeus, disse-lhes Cristo: “Que pensais a respeito do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe: ‘De Davi’. Ao que Jesus lhe disse: ‘Como então Davi, falando sob inspiração, chama-o Senhor, ao dizer: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita?’”.¹⁷ Aí, portanto, temos: “Senhor” e “Senhor”.

E queres saber onde a Escritura, unindo numa só citação o Pai e o Filho, deu a ambos o título de Deus? Ouve, neste intuito, o profeta Davi e o apóstolo Paulo, que no-lo mostrarão: “Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos! O cetro de teu reino é cetro de retidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria como a nenhum de teus

companheiros”.¹⁸ E Paulo uniu àquele seu testemunho, nesses termos: “A respeito dos anjos está escrito: Torna em vendavais seus anjos... Do Filho, porém, lê-se: Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos”.¹⁹

Por que, então, dirão, nessa passagem, chama-se ao Pai de Deus e o Filho de Senhor? Não é fortuitamente e sem finalidade determinada que o faz, mas porque dirigia-se a gregos, afetados de politeísmo. A fim de que não pudessem replicar: Vós nos censurais de admitirmos vários deuses, vários senhores e caís sob os golpes de crítica idêntica ao vos referirdes a deuses e não a um só Deus; é por este motivo e por condescendência para com sua fraqueza que ele dá ao Filho outro nome, que possui, aliás, o mesmo conteúdo.

Para mostrar que isso é verdadeiro, voltemos à mesma passagem e vereis claramente que não se trata de mera suposição nossa: “No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos, é inegável que todos temos a ciência exata. Mas a ciência exata incha; é a caridade que edifica. Por conseguinte, a respeito do consumo das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo e não há outro Deus a não ser o Deus único”.²⁰ Vês como ele se dirige com insistência a homens que acreditam na existência de vários deuses? “Se bem que existam aqueles que são chamados deuses e senhores, quer no céu, quer na terra (de novo, é contra eles que se combate) – e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores (isto é, assim se diz) –, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe”.²¹

Se ele empregou essa expressão: “um só”, foi visando que eles não o possam julgar suspeito de reintroduzir o politeísmo. Se deu ao Pai o nome de Deus único, não quis apartar o Filho da divindade, e igualmente, se deu ao Filho o nome de único Senhor, não foi por pretensão de retirar do Pai o senhorio: quis assim atender à fraqueza deles e não lhes dar ocasião de qualquer pretexto. Tal é também o motivo pelo qual os profetas não deram a conhecer aos judeus o Filho de Deus de maneira clara e manifesta, mas somente rara e levemente. Pois, apenas libertados do erro politeísta, os judeus, se ouvissem falar de Deus e Deus, recairiam no mesmo mal. Por isso os profetas repetem constantemente que existe um só Deus, e “além dele não há outro”.²² Não procuram assim rejeitar o Filho – Deus não o permita! – mas querem atender à fraqueza deles e simultaneamente persuadi-los de que renunciem a sua crença em deuses numerosos e inexistentes.

Ao ouvires, portanto, as palavras: “um só” e “ninguém” e outras semelhantes, não diminuas o conceito da glória da Trindade; certifique-se por meio delas, isso sim, da distância que a separa da criação. Pois, foi dito em outra passagem: “Quem conheceu o espírito do Senhor?”.²³ Aqui, trata-se bem disso, mas o Filho e o Espírito possuem este conhecimento, conforme precedentemente assaz o demonstramos, ao exemplificarmos com o testemunho: “Quem, pois, dentre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”.²⁴ E o Filho disse também: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho”.²⁵ E igualmente noutra passagem: “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”.²⁶ Indica também simultaneamente a perfeição com a qual ele conhece o Pai e a razão pela qual ele o conhece. Qual é? Porque vem dele. E,

vice-versa, o fato que vem dele é comprovado pela perfeição da ciência que possui. Com efeito, ele o conhece exatamente porque vem dele, e doutro lado essa ciência perfeita é sinal de sua proveniência. Pois uma essência não poderia conhecer bem uma essência superior, mesmo se a distância entre elas fosse pequena.

Escuta, portanto, o que diz o profeta da pequena diferença entre os anjos e a natureza humana. Após ter dito: “Que é o homem para dele te lembrares, e o filho do homem para o teres em consideração?”, acrescentou: “E o fizeste pouco menos que os anjos”.²⁷ E contudo, embora o intervalo seja pequeno, uma vez que existe, não conhecemos perfeitamente a essência dos anjos e, mesmo por meio de longos raciocínios, torna-se-nos impossível penetrá-la.

Entretanto, por que falar dos anjos, se nem mesmo a essência de nossa alma nos é suficientemente conhecida, ou, antes, é-nos totalmente desconhecida? Se eles objetam que a conhecem, pergunta-lhes qual a essência da alma: seria ar, sopro, vento ou fogo? Mas, não darão nenhuma dessas respostas, pois todas essas coisas são corporais, enquanto a alma é incorpórea. Assim, eles não conhecem os anjos, nem suas próprias almas; contudo, pretendem conhecer perfeitamente o Senhor e Criador do universo! É possível haver insensatez pior que a deles?

E por que perguntar qual a essência da alma? É impossível explicar até mesmo como ela se encontra no corpo. Mas o que se poderia dizer a respeito? Que ela se estende por todo o volume do corpo? Seria absurdo. Tal coisa convém apenas às realidades corporais. Aliás, o que prova que assim não acontece com a alma é o fato de que todas as vezes que se cortam as pernas ou os braços de um homem, ela permanece inteira, e não fica truncada por esta mutilação corporal. Mas, se ela não se acha em todo o corpo, é contida em alguma de suas partes? Resultaria daí necessariamente que as outras partes ficariam mortas, pois tudo o que não é animado é morto. Nem isso, contudo, pode-se dizer. Assim, sabemos que a alma se encontra em nosso corpo, mas ignoramos de que modo. Se Deus impediu este conhecimento foi para nos fechar a boca e conter-nos mais facilmente, a fim de nos ensinar a permanecer em nossa pequenez, não querer perscrutar o que está acima de nós e desistir de uma curiosidade indiscreta.

Recorramos novamente à Escritura, a fim de não resolvermos estas questões baseados apenas no raciocínio. “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”.²⁸ Que significa isto? – perguntarão. Esse texto não é suficiente ainda para testemunhar que ele possui conhecimento perfeito. Sem dúvida, mostra que a criatura não conhece a Deus, por essas palavras: “Não que alguém tenha visto o Pai” e novamente indica que o Filho o conhece, acrescentando: “Só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”. Mas ainda não demonstra que ele conhece perfeitamente e do mesmo modo como Deus conhece a si mesmo. De fato, dirão, é possível que Deus não seja conhecido perfeitamente nem pela criatura, nem pelo Filho, mas que este o conheça melhor que as criaturas, entretanto não tenha dele conhecimento perfeito. Ora, ele assegura que vê e conhece o que é o Pai, mas não afirma ainda que o conheça perfeitamente e de idêntica maneira como conhece a si mesmo.

Quereis então que atestemos isso pela Escritura, e pelas próprias palavras de Cristo? Escutemos então o que ele diz aos judeus: “Como o Pai me conhece eu conheço o Pai”.²⁹ Que podes reclamar

ainda de mais perfeito que esse conhecimento? Interroga teu contraditor: o Pai conhece perfeitamente o Filho, tem dele conhecimento absolutamente perfeito? É verdade que ele nada ignora do que é atinente ao Filho e sua ciência é sobre isso completa? Sim, responderá. Então, ao saberes que o Filho o conhece do mesmo modo como o Pai conhece o Filho, nada mais procures, pois o conhecimento é exatamente igual em ambos.

Ele no-lo demonstra ainda noutra passagem, nesses termos: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.³⁰ E ele não revela tudo o que sabe: somente o quanto somos capazes de receber. Pois, se Paulo assim age, com maior razão o Cristo também assim faz. Ora, o Apóstolo diz a seus discípulos: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar”.³¹

Porém, dirão: foi somente aos coríntios que ele se dirigia. O que teríamos a responder, se mostramos que ele tinha conhecimento de coisas que nenhum outro conhecia e que, ao sair desta vida, ele era o único a conhecer? Onde encontrar a prova do que afirmei? Na Epístola aos Coríntios, onde diz: “Ouvi palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir”.³² E, no entanto, o próprio Paulo que ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir, possui um conhecimento limitado e muito inferior ao conhecimento futuro. Pois ele, que isso dizia, também afirmou o seguinte: “Pois nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”, e em seguida: “Quando eu era criança, pensava como criança, raciocinava como criança”, e enfim: “Agora vejo em espelho e de maneira confusa, mas, depois, verei face a face”.³³

Com isso ficam refutados todos os sofismas desses hereges. Mas, se a respeito da essência divina, ignora-se não que exista, mas o que é, seria o auge da loucura impor-lhe um nome. Aliás, mesmo se nos fosse manifesta e conhecida, ainda não nos seria seguro dar por nós mesmos e por própria iniciativa um nome à essência do Senhor. Ora, Paulo não ousou denominar as virtudes do alto: “Fez o Cristo assentar a sua direita nos céus, muito acima de qualquer Principado e Potestade, de toda virtude e de todo nome que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.³⁴ Ao nos ensinar desse modo que essas virtudes têm nomes que conheceremos mais tarde, não quis substituir esses nome por outros, nem procurar curiosamente saber quais são eles.

Como, pois, seriam dignos de perdão e justificação os que ousam empreender tal coisa a respeito da essência do Senhor? Uma vez que essa essência nos é desconhecida, importa fugir desses hereges como se evitam os dementes. Que Deus seja ingênito é verdade certa, mas que tal seja o nome adequado a sua essência, não o disse profeta algum, nenhum apóstolo o sugeriu, nenhum evangelista. E é natural, pois como, ignorando qual a essência, poderiam declarar-lhe o nome?

Ora, por que falar das divinas Escrituras, quando tal absurdo é tão evidente e esta aberração tão excessiva, que os próprios gregos, por mais que estivessem longe da verdade, jamais forjaram algo de semelhante? Nenhum deles, com efeito, ousou definir a essência divina e encerrá-la num nome só. E por que referir-se à essência divina se, ao indagarem a natureza dos seres incorpóreos, eles não deram destes definição verdadeira e contentaram-se, em vez de definir, com uma descrição, um esboço impreciso?

Qual é, porém, o sábio argumento de nossos contraditores? Então, dizem eles, tu não conheces o que adoras? A isto não é absolutamente necessário responder, quando já foi largamente demonstrado com o auxílio das Escrituras ser impossível conhecer a Deus em sua essência. Porém, visto que nossas palavras não derivam de inimizade, e sim do desejo de reconduzi-los à verdade, vamos, empenhemo-nos em mostrar que não é por ignorar a essência de Deus que alguém o desconhece, mas, ao contrário, por pretender conhecê-la.

Dize-me, suponhamos dois homens a ponto de brigar por causa da extensão do céu, que ambos pretendem conhecer; o primeiro declara que olhos humanos não podem abrangê-la, enquanto o segundo objeta ser possível medi-la toda inteira com a palma da mão. Qual dos dois, em nossa opinião, conhecerá o tamanho do céu? O que pretende saber quantos palmos possui, ou quem confessa ignorá-lo? Se, quando se trata do céu, quem recua diante de sua imensidade é quem melhor a conhece, não teremos, com referência a Deus, a mesma prudência? Como não seria o cúmulo da demência?

Aliás, não nos é pedida senão uma só coisa, isto é, não perscrutar sua essência. Escuta o que assegura Paulo acerca deste assunto: “Pois aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe”.³⁵ Em outro trecho o profeta, reprovando a impiedade de um homem, não o acusa de ignorar o que é Deus, mas de não saber que Deus existe: “Diz o insensato em seu coração: ‘Deus não existe!’”.³⁶ Igualmente, segundo ele, a impiedade não consiste em desconhecer a essência de Deus, mas sim em ignorar que Deus existe; basta, porém, à piedade saber que Deus existe.

Eles apresentam, contudo, outra objeção cuidadosamente elaborada. Qual é? Foi afirmado, dizem eles, que “Deus é espírito”.³⁷ Podemos, então, definir sua essência, dize-me? Quem o admitirá entre os que se aproximaram um tanto das portas da divina Escritura? De fato, dessa forma, Deus seria também fogo; pois como se acha escrito: “Deus é espírito”, também está escrito: “O nosso Deus é um fogo abrasador”.³⁸ E em outra passagem: “Ele é a fonte de água viva”.³⁹ E ele não seria apenas espírito, fonte e fogo, como também alma, vento, inteligência humana, e outras coisas bem mais absurdas; não é, porém, necessário esgotar esta série, nem imitar a insensatez deles. A palavra *espírito* tem muitos sentidos. Designa entre outras coisas a alma, como diz Paulo: “Entregai tal homem a Satanás, a fim de que o espírito seja salvo”.⁴⁰ Designa também o vento, quando diz o profeta: “Tu os destroçarás pela violência de teu espírito”.⁴¹ Aplica-se igualmente aos dons espirituais: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar”,⁴² e em outra passagem: “Orarei com meu espírito, mas hei de orar também com minha inteligência”.⁴³ Aplica-se também à cólera, porque diz Isaías: “Não eras tu que pensavas, com teu sopro violento, em aniquilá-los?”.⁴⁴ Enfim, o socorro enviado por Deus é também chamado de espírito: “O sopro de nossas narinas, o Cristo Senhor”.⁴⁵ Por conseguinte, se acreditarmos neles, Deus será para nós tudo isso simultaneamente e será composto de todas essas realidades.

Chega de palavreado. Em vez de nos ocuparmos de objeções que não merecem refutação, interrompamos aqui a discussão e voltemo-nos inteiramente para a oração. Quanto mais ímpios são eles, mais devemos rezar e interceder em sua intenção para desistirem enfim de sua loucura. Desse

modo nossa atitude será “aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”.⁴⁶

Não devemos, portanto, cessar jamais de suplicar em seu favor. Pois a oração é arma poderosa, tesouro imperecível, riqueza inesgotável, porto abrigado, depósito de tranqüilidade; a oração é raiz, fonte, mãe de milhares de bens e tem maior poder que a própria realeza. Várias vezes o próprio detentor do diadema foi visto abatido e deitado no leito, ardendo em febre; a seu redor, prestam-lhe assistência médicos, guardas, servos, generais, mas nem a arte dos médicos, nem a presença dos amigos, nem o serviço dos domésticos, nem a variedade dos remédios, nem a magnificência do ambiente, nem a abundância das riquezas, nem qualquer outro recurso humano consegue amenizar a força da doença. Se, contudo, apresenta-se alguém que cheio de confiança fala com Deus, basta tocar o corpo estendido e proferir por ele uma oração pura para afugentar toda moléstia. O que não alcançara a riqueza, a multidão dos servos, a ciência dos peritos, as pompas da realeza, obtém-no a oração de um só homem, muitas vezes pobre e mendigo.

Porém, a oração a que me refiro não é vazia e assaz negligente; é oração fervorosa, feita com a alma aflita e o espírito contrito. Eis a oração que sobe até o céu. Da mesma forma que a água não sobe se corre em planície e goza de espaço para transbordar, mas, se a mão dos trabalhadores, comprimindo seu leito embaixo e impelindo-a para uma passagem estreita, fá-la jorrar para o alto, mais rápida que uma flecha, assim o espírito humano, quando goza de plena tranqüilidade, relaxa e se dispersa, ao passo que, se as circunstâncias o apertam na parte inferior, então, convenientemente comprimido, envia para o céu puras e intensas preces.

E para que saibas que as orações podem ser atendidas melhor quando proferidas na angústia, escuta o que diz o profeta: “Em minha angústia eu gritei ao Senhor e ele me ouviu”.⁴⁷ Reanimemos, portanto, o fervor da consciência, aflijamos a alma com a lembrança de nossos pecados, aflijamo-la, não para atormentá-la, e sim para dispô-la de modo a ser ouvida, torná-la sóbria e vigilante e assim permitir-lhe atingir os céus. Nada mais apropriado a expelir a preguiça e a negligência que a dor e a angústia, que concentram inteiramente o espírito, fazendo-o voltar a si. Aquele que reza assim na angústia poderá, depois da oração, experimentar grande alegria espiritual. À semelhança das nuvens que, acumuladas, primeiro obscurecem a atmosfera, e depois de sucessivamente emitirem os flocos de neve, ou fazerem cair toda a chuva que continham, tornam a atmosfera serena e brilhante, igualmente a depressão, acumulada no coração, entenebrece os pensamentos, mas quando, devido às palavras da oração acompanhadas de lágrimas, ela exala e se dissipa, grande brilho penetra na alma, pois a proteção de Deus se difunde como um raio de sol na alma do orante.

Mas, qual a fria resposta de tantos? Não tenho confiança, diz-se, estou cheio de confusão e não posso abrir a boca. Essa timidez é satânica, é pretexto que esconde as veleidades, porque o diabo quer te fechar as portas de acesso a Deus. Não tens confiança? Ao contrário, é grande confiança, e em si grande vantagem acreditar que não se tem motivo de confiança, assim como constitui vergonha e causa de grande condenação crer que se tem todo motivo de estar seguro de si mesmo. Com efeito, mesmo se fizeste muitas boas ações, e não estás consciente de pecado algum, se crês ter razões para estar seguro, perdes todo o benefício da oração. Ao invés, se tua consciência está sobrecarregada sob o

peso de milhares de pecados, por pouco que estiveres convicto de ser o último de todos os homens, poderás dirigir-te a Deus com toda confiança.

Considerar-se pecador quem verdadeiramente o é, não constitui, contudo, humildade. A humildade pertence a quem, apesar de consciente de ter praticado muitas boas ações, não tem de si mesmo alta estima, àquele que, sendo semelhante a Paulo e podendo repetir com ele: “A minha consciência de nada me acusa”, acrescenta imediatamente: “Mas nem por isto estou justificado”,⁴⁸ ou ainda: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”.⁴⁹ A humildade consiste no seguinte: ser alguém grande em obras e humilde em espírito.

Todavia Deus, em seu inefável amor aos homens, não acolhe e recebe somente os que se humilham, mas também os que confessam generosamente seus pecados, e basta essa atitude para encontrar propiciação e benevolência. E a fim de saberes como é bom não teres de ti mesmo alta estima, imagina dois carros. A justiça e o orgulho vêm atrelados a um deles, ao outro, o pecado e a humildade. Verás o carro ligado ao pecado sobrepujar o da justiça, não certamente pela própria força, mas pelo impulso da humildade que lhe está unida, enquanto o outro será superado não por causa da fraqueza da justiça, mas por causa do ônus e do fardo do orgulho. Efetivamente, como a humildade, devido a sua imensa força de elevação, triunfa da carga do pecado e em primeiro lugar sobe para junto de Deus, também o orgulho, por causa de seu grande peso e volume, chega a superar a leveza da justiça e a arrasta facilmente para baixo.

E para que percebas ser uma dessas atrelagens mais rápida que a outra, lembra-te do fariseu e do publicano. O fariseu atrelava juntos a justiça e o orgulho, a ponto de dizer: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, ávidos, nem como este publicano”.⁵⁰ Que loucura! Não bastava a seu orgulho rebaixar a natureza humana em geral. Insultava ainda com muito orgulho o publicano, de pé junto dele. E que fez então este último? Não repeliu as injúrias, não se irritou com a acusação: acolheu tais palavras com prudência. A seta do inimigo transformou-se-lhe em remédio e cura, a injúria, em elogio, a censura, em coroa. A humildade é tão bela, tão vantajosa que não sente as mordeduras dos agravos de outrem e não se enfurece pelos ultrajes do próximo. É até possível tirar desses ataques grande e excelente fruto, como aconteceu no caso do publicano. Na verdade, ao aceitar as injúrias, ele depôs o fardo de seus pecados e, ao dizer: “Tem piedade de mim, pecador!”.⁵¹ voltou para casa justificado, mais do que o outro.

Assim, as declarações superaram as obras e as palavras tiveram valor maior que as ações. Com efeito, um prevaleceu-se de sua justiça, de seus jejuns e de seus dízimos, enquanto o outro proferiu simples palavras e ficou livre de todas as culpas. Deus, portanto, não ouvira somente essas palavras; vira a alma de quem as pronunciava e, encontrando-a humilde e contrita, teve compaixão e benevolência. Certamente não me exprimo assim para pecarmos, e sim a fim de nos humilharmos. Se um publicano, isto é, um homem da pior categoria, mesmo sem ter se humilhado verdadeiramente, somente por ter mostrado bons sentimentos, declarando seus pecados e confessando o que era, atraiu sobre si tal benevolência da parte de Deus, que grande apoio não encontrarão os que praticaram grande bem, mas não tiveram de forma alguma alta estima por si mesmos?

Eu te peço, pois, suplico e conjuro. Confessa sem cessar tuas faltas a Deus. Não quero te levar a um

teatro diante de teus infelizes companheiros e não te obrigo de forma alguma a manifestar teus pecados aos homens. Revela tua consciência a Deus, mostra-lhe tuas feridas e dele implora os remédios; dirige-te a ele, não como a um censor, mas como a um médico. Aliás, apesar de te calares, ele tudo conhece. Fala, portanto. Fala a fim de que, depondo todos os pecados, dali te retires puro e libertado do que cometeste, e assim isento do ônus intolerável duma confissão pública.

Os três jovens estavam na fornalha. Eles davam a vida por confessarem o Senhor, e contudo, após tantos e tão grandes méritos, diziam: “E agora, não podemos sequer abrir a boca; a vergonha e o opróbrio caíram sobre teus servos e aqueles que te adoram”.⁵² Por que, então, abris a boca? Diz-se que é para afirmar justamente que não podem abrir a boca e por isso mesmo atrair a benevolência do Senhor.

A força da oração extinguiu o poder do fogo, freou o furor dos leões, pôs termo às guerras, interrompeu os combates, acalmou as tempestades, expulsou os demônios, abriu as portas do céu, rompeu as cadeias da morte, afugentou as doenças, repeliu as intrigas, consolidou as cidades abaladas, afastou os flagelos vindos do alto e as ciladas armadas pelos homens, em uma palavra, todos os perigos. Por oração mais uma vez entendo, não a dos lábios, mas a que brota do fundo do coração. Ora, à semelhança de árvores cujas raízes penetram profundamente, mesmo se os ventos se desencadeiam mil vezes contra elas, não se quebram nem são arrancadas, porque suas raízes estão fortemente fincadas no chão, assim as orações que sobem do fundo do coração, cuidadosamente arraigadas, elevam-se ao céu com toda segurança e não se desviam por pensamentos que a assaltem. Por este motivo disse o profeta: “Das profundezas clamo a ti, Senhor”.⁵³

Não digo isso visando apenas obter aplausos, mas para que deis aprovação por atos. Se o fato de contar aos homens tuas próprias tribulações e descrever-lhes tragicamente teus males ocasiona algum alívio a tuas dores, como se por meio de tuas palavras soprasse uma brisa, com quanto mais razão, se é a teu Senhor que participas os sofrimentos de tua alma, não encontrarás farta orientação e reconforto! Ora, muitas vezes os homens suportam mal, apartam e repelem quem procura se queixar e chorar junto deles; Deus, porém, não age deste modo. Ao contrário, faz com que te aproximes e a si te atraí, e mesmo se passares o dia inteiro a expor-lhe tuas tribulações, ficará ainda mais inclinado a amar-te e a atender a tuas súplicas.

Justamente isso queria Cristo mostrar-nos ao proclamar: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso de vosso fardo e eu vos darei descanso”.⁵⁴ Assim ele nos convida. Não lhe desobedeçamos. Ele nos atraí a si. Não escapemos dele. Se nossos pecados são inúmeros, empenhemo-nos em correr para ele; são a tais que ele chama, pois assegura: “Eu não vim chamar justos, mas pecadores”,⁵⁵ para que se arrependam. Aponta assim para os que carregam pesados fardos, os que estão sofrendo, os esmagados sob o peso de seus pecados. Ele é denominado Deus da consolação, Deus das misericórdias,⁵⁶ pois continuamente opera, consolando, encorajando os doloridos e aflitos, mesmo se cometeram milhares de pecados.

Portanto, cuidemos somente de correr para junto dele, não o largar. Aprenderemos então por experiência a verdade dessas palavras, e nada do que existe poderá nos fazer sofrer, se nossa oração for fervorosa e bem determinada, pois, devido a ela, tudo o que sobrevém será facilmente afastado.

E por que havemos de ficar admirados de que o poder da oração é capaz de solucionar as dificuldades humanas, quando se vê que ela extingue e dissipa facilmente as propriedades do pecado? Se queremos, pois, atravessar com felicidade a vida presente, apagar as manchas dos pecados, e apresentar-nos com confiança perante o tribunal de Cristo, usemos seguidamente deste remédio, reforçado por lágrimas, fervor, perseverança e força de alma. Assim haveremos de gozar de contínua saúde e obter os bens futuros. Todos vós possais alcançá-los, por graça e amor de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual damos glória ao Pai, com o Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

- [1](#) Jo 1,18.
- [2](#) Jo 6,46.
- [3](#) 1Cor 2,11.
- [4](#) 1Cor 8,6.
- [5](#) Dt 6,4.
- [6](#) Dt 6,13.
- [7](#) Sl 146,5.
- [8](#) Sl 82,19.
- [9](#) Is 7,14; cf. Mt 1,23.
- [10](#) Is 9,5.
- [11](#) Br 3,36.
- [12](#) Br 3,37-38.
- [13](#) Rm 9,5.
- [14](#) Ef 5,5.
- [15](#) 2Tm 1,10.
- [16](#) Jo 1,1.
- [17](#) Mt 22,42-44.
- [18](#) Sl 44,7-8.
- [19](#) Hb 1,7-8.
- [20](#) 1Cor 8,1-4.
- [21](#) 1Cor 8,5-6.
- [22](#) Dt 4,35; Is 45,5.21.
- [23](#) Is 40,13; Rm 11,34.
- [24](#) 1Cor 2,11.
- [25](#) Lc 10,22.
- [26](#) Jo 6,46.
- [27](#) Sl 8,5-6.
- [28](#) Jo 6,46.
- [29](#) Jo 10,15.
- [30](#) Mt 11,27.
- [31](#) 1Cor 3,1-2.
- [32](#) 2Cor 12,4.
- [33](#) 1Cor 13,9-12.
- [34](#) Ef 1,20-21.
- [35](#) Hb 11,6.
- [36](#) Sl 13,1.
- [37](#) Jo 4,24.
- [38](#) Hb 12,29.
- [39](#) Jr 2,13.
- [40](#) 1Cor 5,5.
- [41](#) Sl 47,8.
- [42](#) Rm 8,16.
- [43](#) 1Cor 14,15.
- [44](#) Is 27,8.
- [45](#) Lm 4,20.
- [46](#) 1Tm 2,4.
- [47](#) Sl 119,1.
- [48](#) 1Cor 4,4.

[49](#) 1Tm 1,15.

[50](#) Lc 18,11.

[51](#) Lc 18,13.

[52](#) Dn 3,33.

[53](#) Sl 129,1.

[54](#) Mt 11,28.

[55](#) Mt 9,13.

[56](#) Cf. 2Cor 1,3.